

"A VILA DOS VENTOS"

Um roteiro de
Isabela Borges Giles Ferrer

A Vila dos Ventos. Roteiro de longa-metragem, 105 páginas.
Biblioteca Nacional: Protocolo 2019RJ11076, em 26/07/2019.
Isagiles@hotmail.com.

Foz do Iguaçu, 2019.

1 EXT. ESTRADA - DIA

O céu tem tons alaranjados e está limpo de nuvens. O solo ao redor é descampado, com a terra solta e seca. SARA (25) caminha debaixo do sol, por uma estrada. Ela é magra e tem os cabelos castanhos. O vento a empurra para trás. Suas roupas estão molhadas de suor e voam violentamente. Ela segura um fino tecido que usa no rosto, evitando que a terra entre em seus olhos.

1 EXT. LAGO - DIA

SARA chega até um raso lago. Um pequeno e velho barco de madeira está encalhado no chão, próximo da beirada. Três árvores secas e sem folhas são as únicas vegetações ao redor. Um sistema de tubulações está há alguns metros atrás do lago, suas extremidades encalhadas na terra.

SARA se abaixa e coloca as mãos na água, passando-a pelo rosto e pescoço. Afunda-as de novo e observa a terra que fica em seus dedos. Ela despeja água em galões velhos de plástico, usando uma peneira para separar parte da lama.

No horizonte, atrás de SARA, um homem surge caminhando em direção ao lago. Ela percebe a presença, enquanto enche o segundo galão com água. Ela volta sua atenção novamente para o lago, olhando para baixo.

Uma silhueta chega ao lago e se agacha na beira, de costas para a vila. SARA olha disfarçadamente para o homem pelo canto dos olhos.

O ANDARILHO (30) retira o chapéu e lava as mãos e o rosto. Ele a observa fixamente.

SARA despeja água mais rapidamente ao perceber. Seu incômodo aumentando gradativamente. Os minutos passam lentamente e o vento se torna mais forte.

O ANDARILHO se levanta, fecha a tampa de um cantil e guarda na bolsa. Ele caminha devagar na direção de SARA. Ela mantém o olhar no lago, enquanto aproxima a mão da bota, segurando o cabo de uma faca. Ele para a poucos metros dela, olhando fixamente para o horizonte.

Ele se vira e segue em direção à vila. SARA observa enquanto ele vai embora e respira aliviada. Confusa, ela se volta para trás. Sua expressão se torna de espanto. Uma nuvem negra de areia se forma no horizonte, levantando-se e tomando parte do céu, que escurece à medida que a tempestade se aproxima.

2 EXT. ESTRADA - DIA

SARA caminha rapidamente em direção à vila, fugindo da tempestade. Ela carrega nas costas um enorme e pesado saco de tecido, o forte vento a desequilibra. À medida que SARA se aproxima da vila, começam a ser visíveis alguns antigos dutos de irrigação. Eles se espalham ao longo dos quilômetros do solo.

4 EXT. VILA - DIA

As ruas estão vazias. Janelas e portas estão sendo fechadas. Um alarme toca de cima de um poste. As árvores secas balançam com o vento, alguns galhos se quebram e voam. SARA se aproxima da entrada da vila. Um homem passa

correndo por ela. Ela cobre o rosto, os olhos irritados pela poeira no ar, procurando rapidamente onde se abrigar.

SARA bate repetidamente em uma porta. Ninguém atende. Ela insiste, enquanto olha as casas ao redor e em direção à tempestade que se aproxima. Seu desespero se intensifica. A porta da pensão se abre.

5 INT. SALA DA PENSÃO - TARDE

SARA dá alguns passos enquanto a porta se fecha atrás dela. A sala é pouco iluminada e tem uma atmosfera de enclausuramento. O som de TELHAS RANGENDO pelo vento é constante. KAREN (60) está sentada em frente a uma mesa, ela rabisca rapidamente em um papel, enquanto fala baixo com MARIA, uma jovem que está em pé ao seu lado.

KAREN

De forma alguma... O dinheiro do aluguel mal mantém esse lugar. Não posso fazer por menos Srta. Olhe! Veja o quanto me sobra.

LUCIO (33), o médico, está ao lado da porta, atrás de SARA. Ela nota sua presença. Ele tem uma aparência cadavérica, com a pele descorada. Ele aperta uma maleta contra seu corpo, desconfortável, enquanto acena para ela com a cabeça.

SARA se senta em um banco e bate em suas roupas, tirando a poeira. Ela aproxima o rosto da janela, ainda ofegante pela corrida. Grãos de areia batem contra o vidro. A janela range com o vento.

LUCIO

(Em tom baixo)

Você está pálida, SARA...

SARA

Não duvido. Não comi nada ainda hoje.

Lucio anda até a cozinha. SARA olha o céu pela janela e perde seu olhar ali. O som do vento torna-se mais evidente. As conversas na pensão já não são ouvidas. O olhos de SARA observam atentamente as nuvens de terra cobrirem o sol. O tempo passa devagar.

LUCIO se senta ao lado de SARA, ele a observa devaneando na janela. Ela não percebe a presença dele. LUCIO é absorvido pela vista do lado de fora também.

LUCIO

(Angustiado)

Quando estou no meu quarto e essa tempestade engole a casa, eu vejo formas lá fora...Seus movimentos são perturbadores.

Às vezes prefiro nem ter vista para a janela.

SARA se vira e segura um copo que LUCIO lhe estende.

LUCIO

Aqui, açúcar irá ajudar.

KAREN e MARIA continuam conversando entre si ao fundo.

MARIA (O.S.)

Sra. mas só vamos ficar por mais um mês, estamos nos mudando para a capital...

KAREN (O.S.)

E a porta que quebraram? Não podem deixar assim.

SARA observa LUCIO, um misto de confusão e pena em sua expressão.

SARA

O que você acha que são?

LUCIO

Não sei. Estresse eu acho.

Me admira quem fica em um lugar desses por vontade própria.

Vendo os campos virarem deserto, a terra degradando-se.

Deus nos abandonou faz tempo...

SARA fica sem reação. Ao fundo KAREN e MARIA param de conversar. MARIA se vira para subir as escadas e KAREN se levanta e anda pela sala, olhando para um dos galões no chão.

KAREN

Me diga que um desses é para mim.

SARA

Não foi um bom dia para buscar água.

CORTA PARA

LUCIO e KAREN estão sentados em volta da mesa. Ele entrega caixas de remédio para ela.

LUCIO

Esses são os últimos do estoque do hospital. Devem durar dois meses.

Os dois ficam em silêncio. LUCIO olha para a janela novamente, inquieto por estar preso ali. A tempestade continua. SARA entra na sala e se senta em um sofá.

LUCIO

A senhora sabe que conseguiria um tratamento melhor na cidade...

KAREN

(Rindo ironicamente)

E ir até lá de que forma?

Pra depois ficar sozinha nas ruas? Não...o que tiver que acontecer que seja aqui em casa mesmo.

SARA

Podemos ir tratando a senhora de outras formas.

A estufa de casa está com variedades de ervas.

KAREN

Então você vai se interessar por algo...

KAREN se levanta, indo até uma estante no canto da sala. Ela abre uma gaveta e entrega à SARA um EMBRULHO DE TECIDO ESTAMPADO, onde estão dentro duas sementes grandes, brancas e murchas.

SARA

Do que são?

KAREN

Adoraria descobrir também. Talvez tenha mais sorte que eu tentando fazê-las germinarem.

SARA passa os dedos pelas sementes enrugadas enquanto as observa. LUCIO se aproxima.

SARA

Aqui. Pode parecer sem vida agora, mas se insistirmos...

SARA entrega uma das sementes para LUCIO embrulhada. LUCIO observa SARA, enquanto ela guarda a outra semente no bolso.

KAREN

Obrigada pelas caixas.

KAREN coloca dinheiro na mesa, em frente à LUCIO. Ele aceita, sem jeito. KAREN coloca mais moedas em cima da mesa.

KAREN

Aqui, garota, pela água.

SARA balança a cabeça, negando.

SARA

Já me deu algo melhor.

LUCIO volta a olhar em direção à janela, checando se a tempestade diminuíra. KAREN fala com SARA.

KAREN

Talvez você tenha que colocá-las na água para amolecer...

SARA

Sim... Quem sabe ela não é uma planta que irá te ajudar,
KAREN.

6 EXT. VILA - NOITE

SARA anda pela rua principal da cidade, carregando nas costas o saco de tecido. Ela se encolhe de frio. Há areia e terra por cima das casas e lojas, como se estivessem sido abandonadas, engolidas pelo tempo. SARA observa as partículas de poeira voando, iluminadas por um poste. Elas flutuam rapidamente, golpeando-se pelo vento.

SARA passa por um homem em uma esquina, ele parece estar fazendo algo e se esconde ao vê-la. O som do vento parece um uivo. À medida que SARA se distancia da vila a iluminação enfraquece, não há mais postes no caminho. Sua silhueta então desaparece no escuro.

7 INT. COZINHA DA FAZENDA - NOITE

SARA fecha a porta cuidadosamente para não fazer barulho. Somente a luz da cozinha está acesa. Ela fica imóvel, esperando ouvir algo, mas a casa está em silêncio.

8 INT. CORREDOR DA FAZENDA - NOITE

Enquanto retira o casaco, ela anda lentamente pelo corredor até seu quarto, procurando alguém. A porta aberta do cômodo ao lado chama sua atenção. Entra nele e não vê ninguém.

9 INT. SALA DA FAZENDA - NOITE

Com desconfiança, SARA vai até a sala e vê a porta que leva para a oficina aberta. Ela entra por ela.

10 INT. OFICINA - NOITE

SARA anda pela oficina. As velhas tábuas de madeira no teto rangem com o vento. Inúmeras ferramentas estão penduradas nas paredes. Sacos com grãos da colheita estão escorados em um canto. SARA vê que algumas telhas caíram no chão.

Os portões para o lado de fora estão abertos. Ela liga as luzes, pega um arado e receosamente sai para fora.

11 EXT. ESTUFA - NOITE

A figura de um homem está parada de costas no escuro, em frente à estufa da casa. SARA abaixa o arado. THEO (60), um homem baixo e de cabelos grisalhos, segura uma planta pela raiz, ela está cheia de terra nas folhas.

SARA se aproxima e fica horrorizada ao olhar a estufa de perto. Parte desta está no chão, destruída pela tempestade, pedaços de ferro e da lona estão quebrados e rasgados. A maioria das plantas estão soterradas e reviradas. SARA passa por THEO e entra no que restou da estufa.

SARA

Isso nunca...

SARA se abaixa e toca as plantas, de costas para THEO, em silêncio. THEO a observa, ele tem dureza e raiva no olhar. Ele joga a planta longe, que cai ao lado de SARA.

THEO

Esperava que eu segurasse a estufa sozinho?

Eles não trocam nenhum olhar. Os PASSOS MANCOS de THEO se afastando são ouvidos, seguidos pelo som de uma PORTA SE FECHANDO. SARA tenta acender a luz da estufa, mas percebe que foi destruída. Se frustra e chuta uma haste de ferro no chão.

SARA está sentada no chão. Lágrimas escorrem de seus olhos, ela as seca com a manga da blusa. Ela olha fixamente para as plantas, com raiva. De súbito ela se levanta e se aproxima delas, desenterrando cada planta que restou, refazendo os buracos e enterrando-as novamente. Ela cava com as mãos e unhas, não usando nenhum tipo de ferramenta. Ao terminar, SARA joga água em cima das plantas.

12 INT. BANHEIRO - NOITE

SARA pinga algumas gotas de água em um tecido limpo, tomando cuidado para não cair mais que o necessário. Ela esfrega com força suas mãos nele, tentando tirar a terra debaixo das unhas. Ela o passa pelo braço e pelo resto do corpo limpando-se.

Apática, ela se olha no espelho.

15 INT. COZINHA DA FAZENDA - NOITE

Uma cozinha grande, com uma mesa de jantar no centro. Alguns armários estão pregados na parede. Uma entrada na parede dá acesso à sala e no outro lado há um corredor que leva aos quartos.

SARA está em pé na frente do fogão, enquanto observa fixamente uma panela fervendo água. SARA tem uma aparência de cansaço, ao seu lado. Em cima da pia, está um filtro improvisado. Água pinga lentamente por uma garrafa cheia de cascalhos, areia e carvão, caindo em um recipiente.

O som de MADEIRA GOLPEANDO O CHÃO parece vir da sala, ele torna-se mais alto, se aproximando. Na janela em frente à

SARA, o vento sopra violentamente, produzindo sons de UIVOS que parecem tornar-se mais intensos, carregando uma nuvem marrom de terra pela noite.

SARA fica estática e entorpecida, olhando para a água. O tempo parece passar mais rápido. O vento do lado de fora move-se com mais agilidade. As GOTAS pingam incessantemente, produzindo um ruído mais alto e com um espaçamento cada vez menor. A água da panela agora começa a BORBULHAR.

THEO entra mancando da sala, ele se move com dificuldade, batendo a bengala no chão de madeira. Passa por trás de SARA, indo em direção ao quarto. Ele para na porta, olhando para a filha por alguns segundos e entra.

SARA ouve a PORTA DO QUARTO SE FECHANDO. De súbito o tempo parece voltar ao normal. Ela recobra a consciência, rapidamente desligando o fogo. Coloca as mãos em cima da panela, aquecendo-as. As GOTAS caem do filtro VAGAROSAMENTE. SARA continua imóvel por um tempo, pensativa e em dúvida. Ela se vira e vai em direção ao quarto.

13 INT. QUARTO DE THEO - NOITE

THEO está sentado na cama. SARA o ajuda a trocar de roupa e colocar seu pijama. Eles não se olham ou trocam palavras. SARA apaga a luz, sai e encosta a porta.

THEO no escuro, iluminado apenas pela brecha da porta, tenta com dificuldade se deitar. Ele fica em silêncio encolhido na cama, tossindo fortemente algumas vezes. Seus olhos vagueiam pelo quarto, procurando o que enxergar no escuro.

15 EXT. VILA - MANHÃ

O dia está ensolarado e com pouco vento. Aos poucos algumas janelas das casas são abertas. Um homem passa andando lentamente pela rua carregando galões com água.

Uma mulher varre a varanda da casa, jogando grandes quantidades de areia do chão para fora. De um beco ao lado dela, entre duas casas, sai andando apressadamente HELIO (50), um homem alto e calvo.

Alguns segundos depois BORIS (30), também deixa o beco, andando para a direção oposta de HELIO. BORIS tem a barba longa e os cabelos escuros, e carrega uma mochila nas costas.

16 INT. MERCEARIA - MANHÃ

O estabelecimento é simples e antigo. Mesas e cadeiras de madeira estão espalhadas pelo ambiente, algumas pessoas estão sentadas conversando. Aos fundos há um comprido balcão. Atrás deste se erguem enormes estantes, atingindo o teto. Ali estão estocados diversos recipientes de vidro contendo alimentos, como grãos, raízes e cactos. LAURA (45), a dona do estabelecimento está atrás do balcão. Ela é baixa e forte e tem os cabelos curtos acobreados. LUCIO está sentado em uma mesa próxima a ela, ele lê um livro.

HELIO entra pela porta. Ele tem uma postura imponente e usa um terno antigo. Cumprimenta com a cabeça as pessoas do local, atentando-se a presença de LUCIO. HELIO se senta em uma mesa, próxima da porta de entrada.

LAURA conversa com uma vendedora à sua frente. Vários grãos estão espalhados sob o balcão. LAURA separa alguns para o lado.

LAURA

Esses estão estragados...

A cada grão que LAURA joga para o lado a mulher se torna mais aflita. LAURA coloca o que restou em uma sacola e pesa em uma balança. A vendedora se decepciona.

SARA entra apressada pela porta e vai direto para os fundos, na cozinha. LAURA lhe lança um olhar rápido e sério. HELIO diz à SARA, rindo.

HELIO

Acordou tarde hoje, SARA?

SARA ignora. Ela tem uma aparência de quem dormiu pouco, com olheiras e o cabelo embaraçado.

CORTA PARA

No balcão a vendedora tira de uma sacola algumas folhas grossas de cactos. LAURA tem uma expressão de interesse enquanto examina as gordas folhas. A mulher fica apreensiva. LAURA coloca dinheiro no balcão.

VENDEDORA

Mas valem quase que o dobro disso.

LAURA

É isso ou não fechamos negócio

A vendedora guarda suas coisas de volta na bolsa, revoltada. LUCIO observa ao lado, ele se vira para ela.

LUCIO

Você não é daqui, não?

A mulher confirma com a cabeça. LUCIO a olha com pena e depois abaixa a cabeça, em direção ao livro. Soltando um leve riso irônico. A vendedora fica intrigada.

HELIO ao longe observa LUCIO pelo canto dos olhos. HELIO se levanta e vai de forma descontraída até o balcão. Ele se vira para SARA.

HELIO

Um chá, SARA.

VENDEDORA

(Para LUCIO)

Por que...?

LUCIO

Não é tão difícil achar cactos pela região, na verdade, é mais fácil encontrá-los que água por aqui.

HELIO está incomodado, ele se vira para a vendedora e LUCIO.

HELIO

Não importa de onde ou como conseguimos água, mas sim que continuamos sobrevivendo aqui, igual tem sido durante gerações...

Mas recém-chegados talvez não reconheçam isso, e nem o valor dessas terras.

HELIO olha fixamente para LUCIO, ele pega sua xícara em cima do balcão e volta para sua mesa. LUCIO e a vendedora ficam em silêncio.

17 EXT. ESTUFA - ENTARDECER

O sol está se pondo, deixando o céu alaranjado. SARA faz buracos no chão e insere as hastes, tentando refazer parte da estufa. Ela faz grande esforço durante o trabalho. Um longo tempo se passa. Uma silhueta surge mancando de dentro da oficina. THEO começa a fazer buracos na terra também. Eles trabalham em silêncio. SARA para e observa o sol se pondo no horizonte.

18 INT. OFICINA - NOITE

SARA está nos fundos da oficina, ela tem as roupas sujas de terra. Um pequeno rádio toca música, ao lado. Ela está de frente para três recipientes com terra. Espeta uma tira fina de papel branco em cada um deles.

Ela se vira para o lado, onde há outro recipiente transparente, muito maior que os outros e contendo água limpa. SARA coloca um pó branco em um medidor e joga na água, mexendo-a com uma colher. Ela retira as tiras de papel e as observa. Todas estão na cor vermelha.

KAREN surge atrás e observa as fitas também. As duas se olham em silêncio. SARA está frustrada.

Repentinamente KAREN se vira até uma pilha de madeiras no canto da parede. Ela pega uma machadinha e começa a cortar cada uma em pequenos pedaços. SARA observa espantada a miúda senhora golpeando a madeira.

SARA

Quer ajuda?

KAREN joga os pedaços de madeira em um pote de ferro que encontra. SARA a observa de longe. Repentinamente fumaça começa a subir. SARA se aproxima para ver. KAREN abana o pote, aumentando o fogo. A fumaça invade a oficina, saindo pelos portões abertos. As duas ficam ali em silêncio esperando a madeira queimar.

KAREN pega as cinzas que restaram e joga nas amostras de terra, revirando a mistura.

KAREN

Agora você pode aguardar. Teste a acidez delas em alguns dias e me diga.

KAREN parece orgulhosa, ela pega um resto de cinzas e passa no rosto de SARA.

19 INT. QUARTO DE SARA - NOITE

SARA troca de roupa, se preparando para dormir. Ela desembaraça os cabelos na frente do espelho. Caminha em direção a porta, mas retorna ao passar na frente da janela, que está fechada. SARA se aproxima e olha pelo vidro, lá fora está escuro, SARA apenas vê seu próprio reflexo.

20 INT. COZINHA - NOITE

SARA está sentada na mesa sozinha, com a cabeça baixa. Um prato está à sua frente. Ela come o resto de alguns grãos com farinha usando uma colher. Termina raspando o prato. Ela fica um tempo parada, apática, olhando para o nada. Se levanta e limpa o prato na pia, esfregando areia nele.

21 EXT. SONHO DESERTO - DIA

SARA está em pé parada no meio de uma tempestade. Areia voa violentamente, mas não a atinge. Ela procura algo ao seu redor, mas não vê nada, nem o céu acima dela.

Ela anda para frente, tentando enxergar algo. Seus pés descalços afundam na areia. SARA caminha por muito tempo, mas não chega a lugar nenhum. Repentinamente ela vê algo ao longe. Se aproxima e vê a fazenda no horizonte, pequena de onde SARA está. Ao reconhecer sua casa, os olhos de SARA brilham. Mas logo ela se espanta ao ver as telhas sendo arrancadas e voando, as paredes sendo destruídas. Ela observa, horrorizada, a fazenda sendo consumida pela tempestade.

22 INT. QUARTO DE SARA - NOITE

O quarto está escuro. SARA abre os olhos repentinamente, ela está deitada na cama, com os lençóis revirados. Ela percebe uma presença na janela, se vira e vê o que parece ser uma pequena menina do lado de fora, observando-a. Ela corre e desaparece.

SARA estranha aquilo, ela se senta para ir até a janela, mas percebe uma camada de areia em suas roupas, cama e no chão do quarto. Ela se levanta e percebe que a janela está aberta. SARA a fecha, confusa e frustrada, tirando a areia

da roupa e da pele. Ela examina o trinco, ele funciona normalmente.

23 EXT. LAGO - MANHÃ

Solo rachado e seco. O sol está no meio do céu.

Dois pés empurram com dificuldade um velho barco de madeira para dentro da margem do lago. O casco raspa no chão por alguns metros dentro da água. Sentado no barco, LUIZ (40) coloca um longo bastão de madeira em vertical dentro da água. Ele é baixo e magro. HELIO e ele olham até onde a água bate. LUIZ força o bastão para dentro, tentando ver se ele afunda mais. HELIO olha de forma séria para um outro homem sentado ao seu lado.

HELIO

Vá para o meio do lago.

O homem empurra dois remos pela água. HELIO fuma um cigarro. O vento balança seus finos cabelos. LUIZ coloca o bastão novamente na água. HELIO e ele se olham preocupados.

HOMEM

Deus está nos punindo.

HELIO coloca a mão na água, e olha a terra nos dedos. Algo parece chamar sua atenção no horizonte. Duas figuras caminham para fora da vila, carregando grandes sacolas de tecido com roupas e comida; galões com água e alguns pertences debaixo do braço. HELIO olha fixamente para elas.

LUIZ (O.S.)

Não. Está nos testando, a chuva virá se mantermos nossa fé.

HELIO solta um pigarro enquanto joga o cigarro para fora do barco.

HELIO

Então sentamos e esperamos a boa vontade do tempo, LUIZ?

LUIZ

Não, a inércia não leva o homem a nada, mas temos que nos esforçar para que sejamos lembrados lá de cima.

HELIO e o homem ficam em silêncio, se entreolhando. Ao longe o barco se move lentamente com o vento, ele parece pequeno demais para aqueles três homens.

24 INT. MERCEARIA - DIA

Dois homens conversam em uma mesa, eles fumam e jogam cartas. LAURA, observa o movimento, enquanto entra e sai pela porta dos fundos, até a cozinha.

SARA está curvada atrás do balcão, segurando um pequeno tubarão empalhado, uma decoração de parede. Ela pincela os olhos dele com um líquido transparente. Concentrada no trabalho, ignora o som da PORTA SE ABRINDO. O reflexo de uma forma humana aparece então nos olhos do tubarão.

SARA

(Desanimadamente)

Posso ajudar?

Ao levantar sua cabeça, sua expressão se torna de espanto. BORIS está na sua frente. Ela o reconhece. Ele vacila seu olhar entre ela e o chão, tentando dar um sorriso sem jeito.

CORTA PARA
BORIS está sentado em frente à uma mesa. LAURA passa pela porta que leva à cozinha, ela carrega uma bandeja, e vai em direção a Boris. Ela o cumprimenta com um aceno e lhe serve um prato com comida. Ela volta para o balcão. BORIS olha para SARA às vezes, como se estivesse esperando algo. Um homem entra no bar, andando torto e alterado. Ele vai até o balcão.

PEDINTE

A senhora não teria comida para me dar? Faz dias que não consigo nada.

LAURA

Claro, se você pagar...

SARA, limpa copos rapidamente com um pano, desviando o olhar ao encontrar com os de BORIS. Ele se levanta lentamente e vai em direção a ela. SARA percebe alguém vir até o balcão. BORIS se aproxima do balcão para pagar, ele fica em silêncio, em dúvida do que fazer, ele tenta um leve sorriso.

BORIS

SARA, você parece bem...

SARA

Vinte.

BORIS, desconcertado, lhe entrega uma nota de dinheiro. SARA ergue levemente as sobrancelhas enquanto pega o troco. LAURA e o pedinte continuam discutindo ao fundo.

PEDINTE (O.S.)

Mas isso é muito caro. Não é possível que nem uma sobra
você não tenha para me dar, senhora.

BORIS tenta insistir em uma conversa com SARA.

BORIS

Como está a fazenda? E THEO?

SARA fecha a caixa registradora com força e coloca o troco
no balcão. Ela pergunta incrédula.

SARA

O que está fazendo aqui?

A porta de entrada se abre repentinamente e um vulto passa
por ela. Todos olham para HELIO, que entra. Ele vai direto
até a mesa dos homens jogando e se senta ali. BORIS, no
canto do balcão, rapidamente abaixa a cabeça e finge estar
lendo o cardápio. SARA estranha a atitude dele.
O pedinte se aproxima mais do balcão, desesperado.

PEDINTE

Eu posso trocar por água.

Ele levanta uma pequena garrafa com água escura.

LAURA

Nem limpa está.

CORTA PARA
Na mesa, LUCAS (30), um homem grande e forte joga com
outro. Eles conversam com HELIO.

LUCAS

Mas HELIO e se não tiver água embaixo do lago?

Vai ser uma perda de tempo e material construir isso. E precisaria da força de alguns homens para fazê-la funcionar.

HOMEM JOGANDO

Que podiam ser usados para sairmos daqui...

HELIO lhe lança um olhar de repreensão. O homem abaixa a cabeça, olhando suas cartas.

HELIO

Temos que tentar, a cada mês o nível de água abaixa mais.

E com relação às pessoas necessárias para fazerem ela funcionar...Não será um problema.

Ele olha para o pedinte no balcão com interesse. LUCAS acende um cigarro e se assusta com o som de uma BATIDA NO BALCÃO.

LAURA está acuada e nervosa. O PEDINTE se altera, tentando subir no balcão.

LAURA

Saia agora daqui!

Ela retira uma espingarda do balcão. Todos do bar se viram para olhar. O PEDINTE hesita e começa a andar lentamente até a porta, sem dar as costas para LAURA. HELIO caminha descontraidamente até LAURA. Ele fica na frente da arma, ignorando-a.

HELIO

(Sorrindo)

Não vamos gastar nossa paciência com um bêbado, não é LAURA? Folhas de cacto, por favor.

Ele coloca dinheiro no balcão. SARA, em choque, consegue se mover e vai até LAURA, olhando HELIO e o PEDINTE fixamente, com raiva contida.

LAURA

Não é a sua loja que ele está quebrando.

Ela acena para que SARA prepare o pedido, enquanto abaixa a arma. HELIO se vira para o pedinte.

HELIO

Vá lá fora e conversamos quando eu sair.

SARA vai para o canto do balcão, onde estava antes. Ela prepara o pedido de HELIO. O PEDINTE sai da mercearia cabisbaixo. HELIO olha para SARA.

HELIO

SARA, sinto muito que tenha perdido a plantação.

Pelo menos temos outros agricultores...

Ele se vira para SARA, forçando tristeza. Algo chama sua atenção, HELIO fica mudo e com um leve sorriso. Ele observa BORIS lendo o cardápio.

HELIO

Ora, mas que agradável surpresa.

Ele se aproxima e o cumprimenta. BORIS parece desconfortável e sem jeito.

HELIO

Mas o que o traz de volta aqui?

HELIO parece admirado, ele então olha para SARA.

HELIO

(Rindo)

Ah! Mas que pergunta...LAURA sirva a ele uma dose, por
minha conta. Seja bem-vindo de volta, BORIS.

BORIS

Eu não bebo mais, HELIO, obrigada...

HELIO continua sorrindo, ele tem os olhos fixos nos de
BORIS, com um leve ar de intimidação. LAURA olha para SARA
para que sirva a dose.

LAURA

SARA...

HELIO

SARA está ocupada, não?

Ele se inclina no balcão e olha SARA cortando com
dificuldade um pedaço duro e grosso de cacto, ela retira
as cascas com uma faca. HELIO olha para LAURA.
Descontente, LAURA enche um copo. HELIO espera enquanto
BORIS bebe o líquido. HELIO lhe dá leves tapas no ombro,
satisfeito.

Um prato com fatias de cacto é colocado no balcão por
SARA. HELIO o leva para a mesa, colocando no centro para
LUCAS e o outro homem se servirem.

BORIS faz uma careta e limpa os lábios com a manga da
camisa. SARA se afasta do balcão e olha rapidamente para
LAURA. Ela lhe retribui o olhar, que parece de
consentimento. SARA sai pela porta da cozinha.

25 EXT. RUA - NOITE

SARA sai pelos fundos da mercearia, desnorteada. Ela vê o PEDINTE, sentado no chão, encostado em uma parede. Ela passa por ele, mas para por alguns segundos, com uma expressão de pena. Retorna e entrega uma pequena sacola com comida. SARA fala com ele de forma séria e ameaçadora.

SARA

Não volte mais ali ou fale com ela.

26 EXT. TELHADO DA FAZENDA - DIA

SARA fecha a porta ao sair e percebe BORIS encostado na parede. Ele fuma um cigarro. Ela o olha com desdém e começa a andar pela rua. BORIS dá alguns passos tentando acompanhá-la.

BORIS

Eu sei que não quer falar comigo.

SARA

É a melhor opção.

SARA para de andar, pensativa.

SARA

A verdade até quero, mas seria uma perda de tempo.

Ela volta a andar e BORIS também.

BORIS

Por que não arrisca e vê?

SARA

(Se vira e o confronta)

Porque você não se importa com o que fez.

BORIS

Eu não conseguia mais ficar aqui. Nada fazia sentido...achei que indo pra cidade...

SARA

O quê? Conseguiria esquecer? Podia ter me avisado pelo menos.

Devia ter ficado lá...

BORIS

Lá é muito pior do que aqui.

BORIS tira do bolso um maço de cigarros e oferece um a SARA. Ela aceita relutante e o acende com fósforo que ele lhe entrega. BORIS para de andar. Ele dá alguns passos, inquieto enquanto passa a mão pelo cabelo.

BORIS

Eu sei que fiz algo horrível.
Me deixe ajudar. Eu sei que a plantação e a estufa foram destruídas.

SARA

E o que você ganha com isso?

BORIS

Um trabalho. Eu ainda não tenho onde ficar, estou tentando guardar dinheiro.

Sara bufa e volta a andar.

SARA

Como sempre pensando em você.

BORIS para na frente dela.

BORIS

Você foi a primeira pessoa que vim ver desde que cheguei.

SARA

Quanta consideração...

Ela continua andando. BORIS fica para trás.

BORIS

Se me deixar dormir na oficina por alguns dias, só até eu conseguir uma casa, reconstruo a estufa inteira para você.

27 INT. COZINHA DE CASA DE SARA - DIA

Na mesa estão sentados BORIS, SARA E THEO. Todos estão em silêncio, apenas o som dos TALHERES BATENDO nos pratos é ouvido. BORIS come com a cabeça baixa, ele está desconfortável. THEO do outro lado da mesa o observa, imóvel e sério. O tempo parece não passar. SARA observa os dois, ela termina de comer e retira seu prato, levando-o para a pia.

THEO lança um olhar de desaprovação para BORIS, que sem jeito, se levanta, levando seu prato para a pia também.

28 EXT. OFICINA - DIA

BORIS anda pela oficina observando ao redor. Ele tem um olhar nostálgico ao tocar as ferramentas penduradas. Ao longe ele vê um rato entrando em um vão na madeira da parede. SARA lhe entrega algumas hastes de ferro.

29 EXT. ESTUFA - ENTARDECER

BORIS observa a estufa, algumas hastes estão tortas. A parte da frente ainda está destruída. BORIS retira as hastes que estavam em pé e as coloca mais distantes umas das outras, refazendo os buracos na terra e as posicionando.

Boris costura a lona, remendando os pedaços rasgados, prendendo parte dela de volta. A estufa começa a tomar uma proporção maior do que era antes.

30 INT. OFICINA - NOITE

SARA observa do portão parte da estufa se erguendo. Ela se aproxima e entrega uma toalha para BORIS, que pinga de suor e terra.

BORIS

O que acha?

SARA

Você pode dormir na sala.

SARA tem uma expressão séria, ela nota que BORIS está aumentando o tamanho da estufa. Ela entra de volta na casa.

31 EXT. FAZENDA. TARDE

Dois dias se passam. SARA anda em direção à fazenda rapidamente. Ela carrega o saco com galões cheios d'água. Venta fortemente, indicando uma tempestade se formando. Ela olha para o horizonte e algo chama sua atenção. Ela estreita os olhos, de repente, ela se espanta.

P.V. DE SARA.

Ao longe, uma figura comprida e negra está parada na área descampada. Não se consegue ver o que é exatamente, devido à distância da fazenda.

SARA assustada, se abaixa. Ela anda rapidamente para a lateral de uma parede, e se esconde ali atrás. Suas roupas voam em seu rosto. Desacreditada, ela coloca a cabeça para o lado e olha de novo.

P.V. de SARA.

A silhueta permanece imóvel, como se pairasse sob o chão. O céu atrás dela começa a ficar escuro.

32 INT. COZINHA DA CASA DE SARA - TARDE

SARA fecha a porta da cozinha e coloca o saco no chão. A casa está escura, a energia caiu. Um intenso som de TELHAS BALANÇANDO no teto pelo vento é ouvido. BORIS está na mesa acendendo algumas velas.

BORIS

Chegou bem a tempo. Eu preni a estufa com mais cordas e hastes, acredito que não vai...

SARA o ignora e passa andando rapidamente em direção ao quarto.

33 INT. SALA DA FAZENDA - TARDE

THEO observa a movimentação na cozinha. Ele tenta fechar a janela da sala, lutando com a cortina, que se enrosca em seu rosto. Seu corpo franzino se contorce contra o vento.

THEO

Feche as janelas!

Ele grita para SARA enquanto tem um ataque de tosse e perde o ar.

34 INT. QUARTO DE SARA - DIA

SARA abre a janela. Vento e areia entram no quarto. Ela se inclina para fora, observando algo. A voz de BORIS é ouvida no corredor.

BORIS

SARA?

Ele entra no quarto, confuso.

BORIS

O que foi?

SARA

Tem algo ali.

BORIS se aproxima da janela, suas roupas e cabelos sendo puxados para trás. Ele aperta os olhos e olha o horizonte. Uma expressão de medo toma seu rosto.

P.V. DE BORIS.

O sol está quase se pondo, mas é possível ver uma figura escura e grande parada na areia ao longe. As fortes pancadas de vento parecem não ter efeito naquela forma, que continua estática. Uma nuvem de tempestade de areia se levanta mais atrás, vindo em sua direção.

SARA se inclina mais no parapeito, demonstrando preocupação.

BORIS

O que é aquilo?

SARA

Não estava ali quando saí para buscar água mais cedo.

THEO entra abruptamente no quarto apoiando-se na bengala, ele tenta gritar, mas sua voz falha.

THEO

Estão loucos? Fecham a janela, vai entrar terra pela casa toda!

Os dois o ignoram e continuam olhando.

THEO

O que estão fazendo?

Ele entra no meio dos dois, colocando seus óculos e cobrindo o rosto com a manga do casaco. Os olhos se arregalam, ele murmura algo enquanto se afasta.

THEO

O demônio. Fechem a janela, antes que nos veja!

SARA

Eu vou ver o que é.

Algumas pessoas estão se mudando da vila. Pode ser alguém em uma carroça precisando de ajuda.

BORIS

Não vai chegar antes da tempestade. Espere pelo menos passar.

SARA

Aí vai ser tarde.

E eles não estão tão longe assim...

SARA sai pela porta. BORIS procura seu casaco rapidamente pela casa.

THEO

Volte agora, SARA.

THEO tenta ir atrás de SARA, mas se desequilibra da bengala. BORIS sai do quarto com pressa.

BORIS

SARA, não vale a pena!

THEO olha indignado pela janela SARA andando em direção à tempestade. BORIS surge mais atrás. THEO grita para ele.

THEO

Traga ela de volta antes que chegue lá!

35 EXT. ÁREA DESCAMPADA - DIA

SARA caminha com dificuldade, o vento empurrando-a para trás. A nuvem escura de areia se erguendo cada vez mais rapidamente pelo céu, se aproximando dela. SARA apressa o passo, protegendo o rosto do vento que a empurra para trás. Ela aperta os olhos tentando enxergar o que está ali parado.

A tempestade então engole a figura. SARA para de andar, frustrada e em dúvida se deveria continuar. Ela olha para cima, para a enorme parede de poeira e terra à sua frente. SARA é muito pequena comparado a ela. SARA volta a andar em sua direção, enquanto enrola na cabeça o tecido que carrega, se preparando para ser atingida.

BORIS observa a gigante onda de terra vindo em sua direção, ele vê SARA ao longe. BORIS, tenso, torce para que SARA corra de volta, ele diz para si mesmo.

BORIS
Volte...

SARA desaparece dentro da tempestade. BORIS se irrita, ele para de andar, em dúvida. Ele olha para trás, para a fazenda.

36. EXT. TEMPESTADE. ENTARDECER

Enquanto SARA quase cai pelo forte vento, ela procura a figura. O dia torna-se escuro à medida que caminha para dentro da tempestade. Repentinamente, ela vê a forma negra, não muito longe. À medida que se aproxima ela fica mais receosa.

Ela caminha em sua direção, relutante. Seus olhos se abrem de espanto.

37 EXT. ÁREA DESCAMPADA - ENTARDECER

BORIS caminha procurando por SARA. Ele vê ao longe duas silhuetas se aproximando.

38 INT. QUARTO DE SARA - ENTARDECER

THEO observa espantado, com a boca semiaberta. Ele fecha a janela e corre mancando até a sala, se desequilibrando da bengala e quase caindo.

39 INT. SALA - ENTARDECER

THEO se segura nas paredes, abre a porta para a oficina e entra.

40 INT. OFICINA - ENTARDECER

THEO puxa a pesada tábua de madeira e abre os portões dos fundos. A luz e o vento de fora invadem a escuridão do local.

41 INT. SALA - NOITE

THEO está sentado em silêncio no sofá, em choque. SARA está ao lado em pé, ela olha para BORIS, mas parece estar divagando. BORIS caminha de um lado para o outro pela sala, inquieto. Ele para e olha abismado para SARA e THEO.

BORIS

Mas como?

Antes que ela diga algo ele volta a andar, parece confuso, porém entusiasmado.

BORIS

É inacreditável! Quando foi a última vez que viram um?

SARA olha pela janela, em direção à rua.

SARA

Se alguém descobrir podem querer roubá-lo ou matá-lo.

THEO parece recobrar a consciência e se levanta.

THEO

Aquilo é a besta, não devíamos ter trazido para dentro...

SARA abre a porta para a oficina.

SARA

Bobagem, deve ter fugido de alguém e parou aqui procurando água.

THEO se aproxima e fecha a porta.

THEO

De quem? Quem poderia ter? Certamente vai vir atrás.

BORIS

(Abrindo a porta)

Agora nós temos.

BORIS entra.

42 INT. OFICINA - NOITE

Os três estão olhando para a mesma direção. THEO, no meio, segura uma vela, trêmulo. Sons de respiração pesada de animal. Som de cascos batendo no chão.

No meio da oficina está uma ÉGUA, franzina, com os ossos saltando da pele. Seu pelo é grosso e escuro, parecendo ter uma idade avançada. Ela os observa assustada e cansada.

SARA tem os olhos fixos no animal, fascinada. Ela cautelosamente empurra um balde com um pouco de água para perto. A ÉGUA bebe.

THEO

Esse moribundo vai gastar todo nosso estoque de água.

BORIS

Podemos usá-lo para buscar mais no lago.

SARA

Mas alguém pode ver.

BORIS

Podemos ir de noite então, dar a volta por fora da vila.

SARA retira grãos de um dos sacos. Ela se aproxima do animal, hesitantemente e lhe toca o pescoço. A ÉGUA respira rapidamente e come os grãos que são oferecidos. SARA analisa a ÉGUA.

SARA

Parece que temos uma senhora aqui.

A ÉGUA continua imóvel. Seus olhos observam os três, parando na direção de cada um.

43 INT. RECEPÇÃO DO HOSPITAL - MANHÃ

Uma pequena e simples sala de espera. THEO está sentado em uma das cadeiras, impaciente. SARA está sentada ao seu lado. Um relógio está na parede, os sons dos ponteiros se destacam em meio ao silêncio do local.

THEO

(Reclamando)

Vamos passar a manhã toda aqui...

SARA

Vamos esperar. Você precisa dos remédios.

Uma enfermeira passa por eles e entra por uma porta dupla.

44. INT. CORREDOR DO HOSPITAL. MANHÃ

A ENFERMEIRA caminha pelo corredor com alguns papéis nas mãos. Uma porta dupla ao fundo do corredor se abre. Dois homens carregam uma maca com um homem agonizando de dor, eles o levam para um quarto ao lado. O homem diz coisas incompreensíveis enquanto tenta afastar grosseiramente um dos enfermeiros.

45. INT. CONSULTÓRIO. MANHÃ

A ENFERMEIRA entra e se senta em uma cadeira, atrás de uma mesa. Em uma maca está sentada uma mulher carregando uma pequena garota. LUCIO está em frente a ela.

A ENFERMEIRA age indiferentemente e não cumprimenta ninguém. Ela observa os papéis e escreve neles. Segurando um telefone, ela disca um número, enquanto pergunta para LUCIO.

ENFERMEIRA

O que mais você precisa?

LUCIO está tentando fazer a criança abrir a boca, a mãe o ajuda. É uma garota magra, com os lábios secos e micoses em partes do rosto.

A criança morde a mão de LUCIO e grita, chutando com as pernas. A ENFERMEIRA fala baixo no telefone. A mãe da criança tenta abrir sua boca novamente. Ela grita ainda mais alto e começa a chorar. LUCIO, frustrado, se vira para um armário ao lado e o abre.

LUCIO

Não se esqueça dos analgésicos.

Ele diz para a ENFERMEIRA, enquanto pega um palito e mergulha em um recipiente.

LUCIO

Tenho aqui um doce, quer experimentar? Ele é especial...deixa a língua em uma cor diferente para cada pessoa. Quer saber em que cor vai ficar a sua?

ENFERMEIRA

Eles só têm codeína.

LUCIO faz uma expressão de decepção. A voz do homem no quarto ao lado é ouvida, ele discute com alguém.

LUCIO

(Desapontado)

Pode ser...

A criança hesita e pega o palito, colocando na boca.

LUCIO

Vamos ver como ficou?

A criança abre a boca e coloca a língua para fora. LUCIO examina a garganta.

ENFERMEIRA

(Desligando o telefone)

Não há previsão de chegada. Irão enviar quando alguém vier aqui perto da vila.

A criança olha o palito e percebe que foi enganada, ela começa a chorar. O telefone toca e a enfermeira atende.

LUCIO

Mas... Já faz dois meses que não nos enviam nada

Ele olha indignado para a enfermeira e se vira para a mulher, que tenta acalmar a criança. LUCIO pega uma caixa de remédios e os entrega a ela.

ENFERMEIRA

(Oferecendo o telefone)

É para você, LUCIO.

LUCIO pega o telefone e tenta escutar, tapando o outro ouvido. Ele tem dificuldades para ouvir enquanto a criança chora alto.

MÃE DA CRIANÇA

O que ele tem doutor?

LUCIO se esforça para conseguir ouvir no telefone. A expressão dele então vai se tornando de espanto e tristeza.

46 INT. SAGUÃO DA IGREJA - ENTARDECER

Um pequeno e simples saguão nos fundos da igreja, o ambiente é todo fechado, com grandes janelas e vidro nos fundos. Algumas pessoas estão sentadas nos bancos espalhados pelo local. Outras estão em pé conversando baixo em uma roda. Todos usam roupas escuras. Algumas velas estão acesas. Sentados em um longo banco de madeira, um casal de idosos está em silêncio, abatidos. O senhor usa um terno velho, muito largo para seu corpo. A senhora que está ao seu lado tem uma expressão apática. Encostada na parede, ela não faz nenhum movimento.

AMANI (30) chora alto, ela é amparada por um casal. Ao seu lado está um pequeno caixão marrom.

LUCIO está sentado em um dos bancos próximos ao caixão. Ele está retraído e inquieto, balançando as pernas e olhando para baixo. O vento do lado de fora sopra forte. LUCIO olha para o teto, vendo e ouvindo as telhas balançando.

RHIAN (38), um homem extremamente magro e baixo se aproxima de LUCIO, com raiva. É o pai da criança, seus olhos lacrimejam e as palavras saem com dificuldade de sua garganta.

RHIAN

Coragem sua vir aqui.

LUCIO olha para ele, como se esperando um ataque.

RHIAN

Se você tivesse chegado a tempo isso não...

LUCIO

(Interrompendo)

Mesmo assim, não teria adiantado.

RHIAN se indigna e retira tremendo os óculos do rosto, ele eleva o tom de voz. LUCIO tenta manter a calma. As pessoas próximas observam os dois.

RHIAN

Fazia tempo que você já tinha desistido dele!

LUCIO

Eu disse para levá-lo ao hospital da capital. Aqui não tínhamos meios de salvá-lo.

Os sons de vento tornam-se mais altos quando a porta de entrada é aberta. Ali entram HELIO e LUIZ em silêncio. Eles ficam parados, observando. Uma mulher e um homem se aproximam de HELIO para cumprimenta-lo. LUIZ se dirige rapidamente até o caixão.

RHIAN

Não.... Nós só não fazíamos parte da sua lista seleta de pessoas com acesso ao seu estoque de medicamentos particular.

LUCIO

(Se levanta)

Isso é um absurdo!

RHIAN se aproxima mais de LUCIO e o segura pela camisa.

RHIAN

Foi dinheiro que faltou, doutor?

Eles se empurram. LUCIO é muito mais alto que RHIAN. LUCAS se levanta e tenta separar os dois. AMANI, mãe do garoto falecido, corre e tenta tirar LUCAS de perto do marido.

AMANI

Como ousa fazer isso?

Uma confusão começa, algumas pessoas se aglomeram ali perto, discutindo entre si. Alguns defendem LUCIO, outros os pais do garoto. Outras pessoas apenas observam. O grupo que conversava em uma roda agora ri baixo da situação. Pela janela é possível ver uma tempestade de vento e areia acontecendo do lado de fora.

BORIS está no canto de uma parede, em silêncio. Ele tem um leve sorriso no rosto ao ver a situação saindo do controle. Algumas bolsas e pertences foram deixados em cima dos bancos. BORIS se aproxima sorratoriamente de uma bolsa, colocando a mão dentro e pegando algo. Ele se afasta, indo para outra direção, discretamente.

LUCIO consegue se soltar de RHIAN. Se afastando, em desespero e indignação, ele fala.

LUCIO

Vocês me cobram o impossível, quando estão matando a si mesmos. Preferem passar fome e morrer doentes a abandonar esse maldito pedaço de terra. O que restou aqui? Nada! Estamos condenados. Não vai vir ajuda de lugar algum.

HELIO observa LUCIO fixamente de longe. Ele está sério e preocupado. As pessoas ao redor param ao escutar LUCIO. Alguns segundos depois RHIAN volta a se lançar contra o médico.

RHIAN

Você é uma fraude!

LUCIO

Estão esperando o que? Ver quem vai ser o próximo a ser enterrado?

LUCAS tenta apartar a briga novamente. A confusão volta a acontecer, mas algumas pessoas permanecem paradas, pensativas após a fala de LUCIO. HELIO continua observando ao longe, tentando esconder a raiva que cresce. Ele olha para BORIS fixamente, esperando alguma resposta. BORIS devolve o olhar e abaixa a cabeça levemente. Ele parece ansioso e preocupado após essa interação. HELIO rapidamente vai em direção à confusão gritando e separando as pessoas.

CORTAR PARA

As pessoas estão sentadas próximas umas das outras, em silêncio e sem expressão. O som das telhas se batendo é

alto. Atrás do vidro da janela, a tempestade se intensificou. Todos estão presos no saguão. LUCIO está sentado em um canto, com a cabeça baixa.

47 EXT. FAZENDA - NOITE

SARA está voltando para casa, o ar é frio e ela se encolhe no casaco. Os galhos das árvores secas balançam com o vento. Há uma leve neblina pela superfície, SARA estranha isso, olhando para o chão. O ambiente é escuro, só há a fraca luz de um poste perto da entrada da fazenda.

Algo grande se move ao longe. SARA vê uma silhueta iluminada pela lua. Ela reconhece a ÉGUA, andando tranquilamente do lado de fora da fazenda.

SARA para de caminhar, inconformada. O animal percebe sua presença e para também, olhando-a fixamente há alguns metros dela.

SARA, incomodada, tenta se mexer e ir até ela, mas não consegue.

FADE OUT

Escuridão. Sons de trovão ao fundo, que parecem distantes.

FADE IN

Relâmpagos piscam, revelando a fazenda ao fundo. As brancas linhas descem do céu, tocando o horizonte. A ÉGUA não está mais ali. O tempo parece passar lentamente.

48 EXT. DEVANEIO - NOITE

Ambiente escuro e vazio. Sons de cascos caminhando lentamente. Os olhos da ÉGUA, negros e opacos. Estão muito próximos, observando algo à frente, seu olhar é hipnotizante e intenso.

SARA demonstra pavor em sua expressão. O som dos trovões se intensifica.

50 EXT. FAZENDA - NOITE

A ÉGUA caminha até desaparecer atrás da casa. SARA está em choque e paralisada, enquanto vê o animal sumir. Ao conseguir se mover, ela corre para trás da fazenda. Olha em volta e não vê sinal da ÉGUA. As portas da oficina estão fechadas.

51 INT. COZINHA - NOITE

SARA entra correndo e vai até a oficina.

52 INT. OFICINA - NOITE

SARA abre a porta e acende a luz. A oficina está vazia. SARA fica desacreditada, ela respira com dificuldade pela corrida. Entra de volta para a sala.

53 INT. SALA - NOITE

SARA

THEO! THEO!

Ela chama enquanto o procura pela casa. THEO surge do corredor, tossindo e segurando um pequeno rádio que toca música.

THEO

Pra que essa gritaria?

SARA

A ÉGUA...

O som dos portões da oficina se abrindo são ouvidos. SARA corre em sua direção.

54 INT. OFICINA - NOITE

BORIS entra guiando a ÉGUA para dentro. Ela tem amarrada no dorso várias garrafas cheias de água e sacos de pano amarrados embaixo dos cascos, para não fazer sons.

THEO comemora e ri enquanto dá leves tapas na ÉGUA, o animal se assusta. SARA se vira para BORIS, confusa.

SARA

O que você fez?

BORIS

Levei ela pra buscar água.

Não se preocupe, fui por fora da vila, ninguém viu.

THEO puxa uma garrafa e leva para dentro com dificuldade. Devido ao esforço THEO tropeça no vão da porta e quase cai. BORIS o segura e entra com ele carregando o resto das garrafas.

SARA continua parada olhando para a ÉGUA. As longas pernas tremem pelo esforço. SARA faz uma expressão de pena e retira os sacos das patas do animal. Ela se levanta e a encara, com leve receio. A ÉGUA continua parada, com a cabeça baixa. Ela balança a cauda. SARA abre a bolsa e oferece um punhado de açúcar. A ÉGUA come rapidamente. SARA toca sua longa e negra crina, desembaraçando alguns nós. Ela escova a ÉGUA. Poeira cai e flutua pela oficina. Se ouve THEO rindo da sala com BORIS.

SARA coloca água e um pouco de comida. Ela observa os escassos grãos no fundo do balde. Com expressão de pena ela vai até a estufa.

SARA volta para a oficina com um balde com algumas plantas mortas e secas. A ÉGUA não come. Apenas balança as orelhas, ouvindo as vozes que vem da sala.

CORTA PARA

SARA arruma algumas ferramentas. E começa a varrer e limpar o chão da oficina. Ela para pensativa. De súbito pega uma grande pá e recolhe o esterco do chão.

55 EXT. ESTUFA - NOITE

SARA joga o esterco em cima das plantas. Ela sai e entra da oficina várias vezes, carregando tudo o que consegue. SARA se vira e volta para a oficina.

56 INT. OFICINA - NOITE

Ela abre uma gaveta e coloca a SEMENTE que KAREN lhe deu no bolso. Ela carrega grandes galões de água estocados e os leva para fora.

57 EXT. ESTUFA - NOITE

SARA vira os galões no chão, jogando água em cima das plantas. Faz um buraco na terra e cobre a semente. Ela entra na oficina e volta com outro galão, despejando a água na terra. Surge THEO na porta, assustado.

THEO

Está louca? Jogando fora toda a água limpa?

SARA o ignora e continua despejando. THEO a segura pelo braço.

THEO

Estão mortas SARA!

SARA olha com raiva ele, que a segura. THEO à solta, intimidado. BORIS observa ao fundo, sério.

BORIS

Temos bastante água agora, THEO.

SARA entra na casa e THEO em seguida. BORIS se abaixa e começa a recolher os galões vazios do chão, guardando-os na oficina. O som de THEO tendo um ataque de tosse é ouvido. BORIS volta sua atenção para a estufa, prendendo partes da lona que estavam soltando. BORIS entra em casa ao perceber que o ataque de THEO piora.

58 EXT. RUA - DIA

BORIS está na rua fumando um cigarro. Ele passa de casa em casa vendendo água em garrafas. Um conflito está acontecendo mais à frente, na rua. SILVIA e MARCOS, um casal, retiram seus pertences da casa e os colocam em uma carroça.

SILVIA sai da casa carregando um grande espelho, ela para na frente da carroça cheia, procurando um lugar onde colocar.

MARCOS

Não cabe mais nada.

SILVIA o olha com tristeza, ela abaixa a cabeça, olhando para o espelho.

ANA, uma jovem de 18 anos se aproxima, ela manca e tem uma cicatriz na perna. Fala no ouvido de SILVIA.

ANA

SIL eu posso guardar. Quando eu for para a capital levo comigo para você.

Relutante SILVIA lhe entrega o espelho, ela entra de novo na casa agitada e confusa. Alguns moradores tentam convencê-los a não ir.

LAURA

SILVIA, MARCOS, por favor! Não vão conseguir carregar tudo isso até lá.

HELIO

A viagem é longa, vocês não sabem o que vão encontrar no caminho!

SILVIA

Não temos mais como ficar, HELIO. Vamos nos abastecer de água no lago antes de partirmos.

BORIS se aproxima de SILVIA e do marido. HELIO se afasta, frustrado. Ele está com dois guardas ao seu lado. HELIO observa BORIS vendendo garrafas de água limpa para eles. O casal guarda as garrafas e entrega dinheiro a ele. Eles se despedem rapidamente. SILVIA tem lágrimas nos olhos.

Todos olham para a carroça que vai se distanciando, SILVIA e o marido a puxam pela frente com grande esforço. HELIO olha de forma repreensiva para BORIS, que lhe devolve um torto sorriso.

Algumas pessoas começam a entrar na casa. Os guardas tentam impedi-los. As pessoas saem de lá com mesas, e objetos. Brigando entre si e com os guardas. Uma criança está no chão, do lado de fora com a barriga estufada por vermes. Ele desenha com um graveto no chão. Olha para cima, vendo a confusão que acontece. HELIO se desespera, ele tenta intervir ao lado dos guardas.

HELIO

As coisas que foram deixadas serão confiscadas para decidirmos qual o melhor fim delas.

Ele é ignorado. Rapidamente mais algumas pessoas se aproximam e começam a tirar as janelas, portas e tábuas de madeira. Arrancando-os com as mãos, e martelos, empurrando-se e correndo com eles debaixo do braço. Um homem sai com o rosto sangrando por uma briga.

HELIO fica paralisado e em choque vendo a casa rapidamente se desintegrar. Ao longe BORIS segue andando pela rua vazia. HELIO fala para LUIZ, ao seu lado.

HELIO

Estão se desesperando. Temos que começar a construir a máquina o quanto antes.

LUIZ

Pelo menos são duas bocas a menos na vila...

59 EXT. LAGO - NOITE

O lago de noite, iluminado pela lua. O vento uiva, batendo fortemente nas árvores secas, balançando seus galhos. O deserto se estende ao longe. Areia voa.

60 EXT. CÉU - NOITE

O céu estrelado. Os pequenos pontos brilham fracamente.

61 EXT. VAZIO

Ambiente escuro. Luzes brancas flutuam, parecendo fumaça. Espalham-se de forma lenta.

FADE OUT

62 INT. QUARTO DE SARA - NOITE

FADE IN

Sons de GOTAS PINGANDO lentamente. Eles vão se tornando mais baixos.

SARA está dormindo, ela se vira de um lado para o outro na cama, suando. Se levanta e olha para a janela. A lua está cheia. Sons de GOLPES EM MADEIRA são ouvidos, parecem vir de longe. SARA os nota e se levanta, saindo do quarto.

63 INT. COZINHA DA FAZENDA - NOITE

Não há ninguém na cozinha. SARA não liga a luz e continua andando, a procura da origem do som. Ela vai até a sala.

64 INT. SALA DA FAZENDA - NOITE

SARA olha para a porta da oficina. A origem dos sons de golpes parecem ser dali. Ela lentamente abre a porta e observa pelo vão.

65 INT. OFICINA - NOITE

A ÉGUA está inquieta, parada na frente do portão e batendo com a pata no chão. Ela balança a cabeça para os lados, bufando. SARA entra pela porta e tenta tocá-la para que se

acalme. A ÉGUA se levanta em duas patas rapidamente e depois bate os pesados cascos dianteiros de volta no chão.

SARA

Você quer dar uma volta?

SARA amarra uma corda na cabeça da ÉGUA e abre os portões. SARA a guia para fora.

66 EXT. FAZENDA - NOITE

SARA olha para o céu, seus olhos se arregalam.

P.V. de SARA.

Algumas estrelas preenchem o céu escuro. O vento produz sons que parecem UIVOS e VOZES SUSSURRANDO.

Subitamente, SARA é puxada com força pela mão e cai no chão. A ÉGUA galopa para longe, arrastando a corda no chão. SARA se levanta e corre atrás do animal.

67 EXT. ÁREA DESCAMPADA - NOITE

Iluminada pela lua, a silhueta da ÉGUA corre pelo horizonte. Logo atrás SARA a persegue, se desequilibrando ao tropeçar em pequenas pedras. Elas se distanciam cada vez mais da vila.

68 EXT. SILOS - NOITE

SARA passa em frente a três grandes silos. Eles têm o aspecto enferrujado e abandonado.

69 EXT. CAMPO DE GERADORES - NOITE

SARA chega até uma planície, onde geradores eólicos estão em fileiras, girando rapidamente. Eles são feitos com

materiais reutilizados, como peças de bicicletas e outros objetos. As hélices produzem um som de engrenagens alto e incômodo. A ÉGUA para de galopar e agora caminha por entre as turbinas. Uma leve neblina está pelo chão.

O vento puxa SARA para trás, suas roupas e cabelos voando violentamente. Ela segue o animal. A ÉGUA para, SARA a alcança e puxa suas rédeas para que volte com ela. A ÉGUA resiste com a cabeça, dando alguns passos na direção contrária. SARA puxa novamente para o lado oposto, em direção à vila. Então ela se espanta ao olhar para o horizonte.

P.V. de SARA

Fumaça sai das casas e sobe até o céu. Algumas pessoas gritam e jogam água de baldes. As labaredas das chamas aumentam de tamanho rapidamente. Pessoas gritam e correm, se empurrando e se atropelando para fugir. SARA vê algumas sendo pisoteadas. As árvores secas queimam, o fogo consumindo seus galhos.

SARA fica paralisada, então olha para a ÉGUA ao seu lado. Receosamente, ela a monta. A ÉGUA galopa rapidamente em direção à vila. SARA tenta se manter em cima dela, mas se desequilibra e cai no chão, rolando pela terra.

70 EXT. ÁREA DESCAMPADA - NOITE

Atordoada SARA se levanta, ouvindo os gritos das pessoas. Ao se voltar à vila, vê tudo calmo e silencioso. Não há ninguém na rua e nenhuma fumaça ou chamas. Apenas a ÉGUA está parada um pouco distante. Com raiva SARA manca até ela e percebe que perdeu os sapatos ao cair. A luz de uma casa próxima se acende. SARA se desespera e corre para puxar a ÉGUA pelas rédeas, dando a volta por trás da vila.

71 INT. OFICINA - NOITE

SARA abre os portões evitando barulho. A oficina está escura. Ela coloca a ÉGUA para dentro grosseiramente. SARA não entra, ela fica no vão da porta enquanto examina o joelho ralado. Com desconfiança e medo ela volta seu olhar para a ÉGUA.

A luz que vem da brecha do portão revela partes da cabeça da ÉGUA. Em meio à escuridão, ela observa SARA do lado de fora, iluminada pela lua.

SARA

Você deve ser o diabo mesmo.

SARA fecha o portão com raiva. Ela permanece de frente para ele por algum tempo.

72 INT. QUARTO DE SARA - NOITE

SARA entra no quarto com uma expressão de dúvida e conflito. Ela encontra a janela aberta, ao fechá-la percebe que está pisando em um pouco de terra no chão. Ela puxa o trinco e olha pelo vidro por algum tempo, fechando as cortinas.

Ela vai até o espelho e nota um pequeno machucado na testa. Frustrada, SARA se deita na cama, cobrindo-se. Ela não dorme. Fica com os olhos abertos, observando o teto.

73 EXT. CÉU - NOITE

A lua, pequena ao longe. Parece um ponto luminoso alaranjado em meio ao céu escuro.

74 EXT. VILA - NOITE

BORIS está atrás de uma parede, ele se vira para todos os lados da rua, observando. Ninguém está passando por ali. Próximo a ele há uma pequena casa de tijolo.

75 INT. QUARTO DA CASA - DIA

BORIS anda olhando ao redor. O ambiente tem apenas um cômodo e um banheiro. As paredes estão descascando e as janelas tapadas por jornal. Ele rasga um pedaço e observa a rua, procurando algo lá fora. Uma mulher caminha debaixo do forte sol.

76 INT. BANHEIRO DA CASA - DIA

BORIS se olha no espelho do banheiro, ele tenta arrumar os cabelos. Abre o armário e procura o que tem ali grosseiramente. Encontra vários recipientes de medicamentos.

Ele retira um tubo de pasta de dente. De seu cantil joga três pequenas gotas de água em cima da escova.

77 QUARTO DA CASA - DIA

BORIS escova os dentes enquanto anda pelo quarto. Ele toma um pequeno gole do cantil e engole a espuma. Abre uma maleta e procura nos armários roupas para guardar. Coloca na mala casacos, jalecos, calças.

Ele abre uma gaveta da escrivaninha e encontra, um bisturi, alguns papéis e um EMBRULHO DE TECIDO ESTAMPADO.

BATIDAS NA PORTA, BORIS fica apreensivo. Ele fecha a gaveta, guardando rapidamente os objetos que encontra no

bolso do casaco. BORIS rapidamente se esgueira até a porta e olha o visor, tirando um grande canivete que guarda no bolso. P.V. DE BORIS.

Um senhor está na frente, seu rosto distorcido pela lente. A tensão de BORIS desaparece. SONS DE BATIDAS novamente. BORIS se afasta lentamente. Ele abre um armário e encontra algumas latas de comida. Vai até um pequeno fogão de duas bocas no chão.

BORIS está sentado no chão. Ele come rapidamente de uma lata, fumaça sai de dentro dela. Ele olha as vezes para a porta, preocupado. Com fome, ele não liga por estar se queimando com sua refeição, raspando os últimos pedaços do fundo da lata, insatisfeito.

CORTA PARA

BORIS está quase dormindo sentado. Se levanta e olha pelo visor novamente. Ele sai carregando a maleta e tranca a porta com uma chave.

78 EXT. RUA - DIA

Uma GAROTA de 10 anos, está sentada no chão, na sombra de uma casa. Gotas estão em sua testa pelo calor. Não há pessoas passando na rua. Ela está com dois baldes e meia garrafa cortada, servindo de filtro, com areia e pedras dentro. A água pinga lentamente, enquanto a menina observa, entediada. Ela tosse fortemente, parecendo sentir dores.

Uma libélula pousa próximo a ela. Surpresa, a GAROTA se move rapidamente em sua direção, capturando o inseto com as mãos. Ela se levanta entusiasmada, observando-o. Coloca o inseto dentro de uma pequena bolsa. Ela guarda as garrafas dentro dos baldes.

BORIS anda pela rua com a mala e é quase atropelado pela GAROTA correndo. Ele pula para o lado para desviar.

79 INT. COZINHA DA FAZENDA - DIA

THEO está sentado na frente da mesa, ouvindo música no rádio. SARA entra na cozinha. Ela tem escuras olheiras e aparência de cansaço. Vai até a pia e prepara algo para comer.

THEO

Vou pedir para BORIS levar a ÉGUA no lago de noite para
buscar mais água.

SARA se vira para ele.

THEO

(Em tom cômico)

Vamos precisar de galões extras logo. Podemos aumentar o
preço da água conforme o lago for secando...

SARA o olha com indignação.

SARA

E quando secar por completo?

THEO

Vai chover antes. É só um período de seca prolongado que
estamos tendo esse ano.

Antes que SARA responda, a CAMPAINHA TOCA. THEO atende a porta, reclamando. P.V. DE SARA.

THEO fala com uma garota. Subitamente ele se empolga e entrega algumas moedas que tinha no bolso para ela. Ele fecha a porta e desaparece no corredor da casa. SARA se senta na cadeira com a mão na cabeça, sentindo dor. A ferida na testa desapareceu.

THEO retorna e se senta ao lado de SARA, que come na mesa. Ele tem um quadro de vidro nas mãos. Pega uma pinça tremendo e segura uma libélula. Colocando-a contra a luz da lâmpada do teto.

P.V. DE THEO.

SARA (V.O.)

Você não vai fazer isso...

THEO

Fascinante, não? É estranho encontrarem uma, já que ficam perto d'água...

Ele tem um ataque forte de tosse antes que consiga terminar a frase. SARA se vira e busca um copo com água para ele.

SARA

Devíamos voltar ao hospital.

THEO

Para quê? Esperar horas pra não ser atendido de novo? Não mesmo.

THEO segura um alfinete e volta sua atenção para o quadro.

SARA

Você podia soltá-la.

THEO atravessa a libélula com o alfinete, pregando-a no fundo do quadro. Ela se contorce e morre. THEO coloca o vidro de volta e segura o quadro nas mãos, admirando-o. SARA se levanta indignada e limpa o prato na pia.

THEO

Ah...quando o OMAR ver isso irá surtar!

SARA

Não pode trazer ninguém aqui em casa, é muito arriscado caso vejam a ÉGUA.

THEO

(Rindo)

Não quer que vejam a ÉGUA, mas sai para passear com ela de madrugada. Pelo menos podia ter trazido água...

SARA

O quê?

THEO

Da próxima vez tente não a deixar tão cansada igual estava hoje de manhã.

SARA se revolta, indo até a oficina.

80 INT. OFICINA. DIA

SARA abre a porta da oficina, colocando apenas a cabeça para dentro. Ela observa a ÉGUA com desconfiança.

A ÉGUA está com a cabeça baixa, amarrada no pé de uma mesa. Ela respira profundamente e tem o pelo úmido de suor.

SARA se sensibiliza pelo cansaço da ÉGUA e se aproxima dela, com certo receio. Nota que o balde de água dela está vazio. SARA arrasta um galão cheio e o balde para o extremo da oficina, longe da ÉGUA.

SARA e a ÉGUA trocam olhares fixamente, enquanto água pinga por um filtro. SARA diz baixo para si mesma.

SARA

Então não foi um sonho...

O que você quer?

Frustrada, SARA se vira de costas para a ÉGUA e vai em direção à estufa.

81 INT. ESTUFA - DIA

SARA entra na estufa e se espanta. Grande parte das plantas cresceram o dobro do tamanho. As que estavam murchas agora estão altas e fortes. Novos ramos brotam da terra. Desacreditada SARA cai de joelhos, examinando-as.

Uma gota cai do teto em seu rosto. Ela a toca com a mão o líquido transparente. Outras gotas caem em seguida. Confusa, SARA olha para cima.

Na superfície da lona, pequenas gotas se formam, pingando por toda a extensão da estufa. O nível de água começa a aumentar gradativamente. Uma leve e fina chuva cai em cima de SARA e das plantas. Ela levanta as mãos, sentindo as gotas escorrerem, empolgada e sorrindo. Atrás da lona,

SARA reconhece a silhueta da ÉGUA do outro lado da estufa, observando-a.

82 INT. MERCEARIA - DIA

SARA está aflita no balcão enquanto despeja alguns grãos de um recipiente em uma panela. Pouca quantidade de alimento resta no fundo do pote de vidro. LAURA está entediada ao lado, ela rabisca um papel.

Sentado em uma mesa está LUCAS, ele observa a rua pela janela. OMAR, um senhor de 40 anos, se afasta do balcão e se senta de frente para o filho. LUCAS tem uma expressão de incômodo e uma das bochechas inchada.

OMAR

Por que não foi até o LUCIO se dói tanto?

LUCAS

Até fui, mas ninguém o vê há dias.

LUCAS arruma cartas na mesa, enquanto OMAR examina as que recebeu.

OMAR

(Rindo)

É... parece que o doutor da cidade não aguentou ficar muito tempo aqui e voltou.

Se sua mãe ainda fosse viva já teria te arrastado para o lugar mais próximo com um médico.

Vai ter que resolver isso do jeito antigo. Nada que um alicate e um pouco de álcool não resolvam.

LUCAS faz uma expressão de desgosto e olha para a janela novamente. Silêncio. OMAR nota e olha para fora também, interessado.

Na rua não passa ninguém. As janelas das maiorias das casas estão fechadas. LAURA fala do balcão.

LAURA

Ouvi hoje cedo na rádio sobre um início de epidemia que está acontecendo na cidade. Talvez ele tenha ido para lá.

E alguns acham que estamos mal aqui...

SARA fica em choque com a notícia.

OMAR

O mundo todo está se degradando, LAURA. Gente migrando para os mesmos lugares, devem surgir todo tipo de doença.

SARA

Epidemia de que?

LAURA

Um vírus que sofreu mutação, algo assim.

LUCAS

Vão acabar fugindo para as cidades vizinhas...

Eles se entreolham, preocupados. OMAR e LUCAS continuam jogando. No balcão, SARA parece transtornada, ela respira com dificuldade.

SARA

Será que eu posso sair mais cedo?
Esqueci de resolver umas coisas...

LAURA

(Dando de ombros)

Não tem movimento mesmo...

SARA pega sua bolsa e sai pela porta.

83 EXT. VILA - ENTARDECER

SARA está no extremo da vila, próxima da estrada. Ela caminha rapidamente, mas algo lhe chama a atenção no horizonte.

Ela olha em direção ao lago e vê uma pequena e estranha concentração de pessoas.

84 EXT. LAGO - ENTARDECER

Três homens trabalham há alguns metros do lago. Eles cerram tábuas de madeira e colocam pregos, enquanto HELIO dá instruções. O pedinte da mercearia está entre eles. Mais outras duas pessoas puxam uma carroça entre a vila e o lago, carregando materiais de construção.

Cerca de 10 pessoas estão próximas ao lago, observando LUIZ gesticular e falar com elas. SARA se aproxima, confusa. Ela reconhece KAREN na parte de trás do grupo, um pouco afastada deles.

SARA fica ao lado dela e elas trocam olhares. KAREN fala baixo com SARA.

KAREN

(Olhando para o lago)

Faz um bom tempo que não venho aqui.

Tudo isso já foi tão grande...quando eu era criança dava pra ver o lago até o horizonte.

SARA

O que estão fazendo?

KAREN

Gostaria de saber também.

Elas ficam em silêncio. Algumas pessoas conversam baixo ao redor. LUIZ aumenta o tom de voz, empolgado e determinado.

LUIZ

Deus não escolheu criar um lago aleatoriamente. Não, ele queria que vida se desenvolvesse ao seu redor. Queria que os homens criassem seus filhos aqui, nessa terra, e temos seguido sua vontade durante décadas, não temos?

SARA

(Sussurrando)

KAREN. Tenho tido pressentimentos.

KAREN

O quê?

LUIZ

Mas o que fazemos em momentos de dificuldades? Abandonamos nossa única fonte de água igual muitos fizeram? Não...o que vocês estão vendo aqui são homens que acreditam no futuro dessa vila.

LUIZ aponta rapidamente para os homens trabalhando. HELIO o observa, satisfeito. Ele tem um leve sorriso no rosto.

LUIZ (V.O.)

Eles entendem que isso é uma provação. E que a água está lá, ela sempre esteve, mas agora precisamos fazer um esforço em conjunto para consegui-la. E é por isso que pedimos a ajuda de vocês para perfurarmos o fundo do lago...

Ele é interrompido por ANA.

ANA

Mas e se isso causar o efeito contrário? E se o lago secar mais rapidamente?

HOMEM

Vai secar de qualquer forma se não fizermos nada.

Algumas pessoas discutem. HELIO vai se tornando inquieto. SARA continua falando com KAREN.

SARA

Não sei, tenho tido sonhos estranhos de destruição e morte.

Na verdade, não são sonhos.... Me parecem tão reais, mas talvez esteja sendo estúpida por sequer considerar que eles aconteçam.

SARA está absorvida, não conseguindo desviar os olhos do grupo. KAREN está olhando para ela, com interesse.

SARA

Acho que estou ficando doente KAREN, não sei mais no que acreditar.

CORTA PARA

No escuro lago, pequenas velas acesas boiam pela água. Ao seu redor uma procissão está parada. Algumas pessoas despejam areia com a mão em recipientes metálicos, produzindo o som de água caindo. Uns estão abaixados, olhando fixamente o lago e orando. Outras colocam e acendem mais velas na água. O lago se assemelha a um céu estrelado. O tempo passa lentamente, tudo movendo-se de forma devagar. LUIZ continua a discursar, mas não se ouve o que ele fala.

85 EXT. FAZENDA - NOITE

SARA parece transtornada ao chegar em casa. Ao longe, atrás da fazenda, ela vê uma FOGUEIRA.

BORIS está sentado fumando um cigarro. A fazenda está ao fundo, pequena. De longe SARA se aproxima andando. Ela se senta ao lado de BORIS, próxima do fogo. Eles ficam em silêncio algum tempo, observando o céu. Um rato está sendo assado em um espeto.

SARA

BORIS, por que você está aqui?

BORIS

Não sei. Achei que seria interessante sentar aqui fora,
fazer uma fogueira, observar o céu...

BORIS olha para cima. O céu está limpo e escuro. Alguns pontos luminosos podem ser vistos brilhando. Parecem pulsar fracamente.

BORIS

(Com estranheza)

Faz tanto tempo que não vejo estrelas.

SARA

Não... por que voltou?

Não tem nada aqui.

BORIS

Ah, a verdade é que eu estava sendo perseguido. Ou estou...
Era meio difícil de se manter na cidade. Muitas pessoas pra
pouco trabalho e comida. Então eu comecei a trabalhar
cobrando dívidas pra um agiota. Já deve imaginar que não
acabou muito bem.

SARA

(Zombando)

É um longo caminho pra eles virem até aqui...

BORIS

Pois é, talvez eu ganhe algum tempo assim.

Eles riem e então ficam em silêncio. SARA observa o fogo se movendo e a fumaça negra que sobe até o céu.

BORIS

SARA...O THEO está bem mal, não é? Não lembro dele assim antes de eu ir.

SARA

Sim...Está piorando a cada dia. Os mesmos sintomas da minha mãe.

Eu lembro quando ela se foi.

Foi quando eu quase morri também.

Uma manhã meu pai trancou o quarto deles e disse para eu não entrar até que ele voltasse. Ele estava com as pernas bambas.

Eu senti que algo estava errado e dei a volta pelo lado de fora da fazenda. Consegui abrir a janela...Ela parecia estar dormindo, mas eu sabia que não estava.

86 FLASHBACK - EXT. QUARTO DA FAZENDA - DIA

SARA CRIANÇA (A mesma criança da Cena 22) está do lado de fora do quarto, de frente para a janela. Ela olha para dentro do quarto com lágrimas nos olhos e sai correndo para longe, deixando a janela aberta.

87 FLASHBACK - INT. QUARTO DA FAZENDA - DIA

A mão pálida de uma mulher ao lado do corpo, em cima da cama. O vento toca ela, trazendo pequenos grãos de areia que caem e grudam em sua pele.

88 FLASHBACK - EXT. DESERTO - DIA

SARA CRIANÇA está desacordada, queimada pelo sol e desidratada. Ela é levantada por alguém do chão. Sua face e lábios estão cobertos de areia.

89 EXT. ÁREA DESCAMPADA - NOITE

BORIS

Sinto muito, SARA.

BORIS coloca a mão em cima da de SARA. Ela a retira.

SARA

Tudo bem...

Os dois ficam sem jeito. SARA treme de frio e coloca o casaco de BORIS que está ao lado. Ao colocar as mãos nos bolsos do casaco SARA retira o EMBRULHO DE TECIDO ESTAMPADO. Ela rapidamente o coloca de volta, disfarçando. BORIS tem sua atenção voltada para sua refeição, ele retira o rato do espeto e o abre com as mãos.

BORIS

Você quer?

SARA nega.

SARA

Conseguiu capturá-lo então?

BORIS

(Comendo)

Esse peguei com uma isca, mas não é único que está na fazenda...Tenho certeza que tem muito mais, saem de noite para atacar a plantação.

Aliás...as plantas cresceram bem rápido com o adubo, não?
Foi muita sorte ter achado a ÉGUA.

SARA

Acho que não foi sorte.

BORIS

Como assim?

Não se vê nada além de baratas e ratos há anos e surge um cavalo logo na nossa fazenda.

SARA parece incomodada por ele se referir a fazenda como deles. Indiretamente, ela tenta lhe lembrar do acordo que fizeram.

SARA

Sem a nova estufa as plantas estariam mortas agora.

BORIS

Ela pode ficar muito melhor ainda....

BORIS está pensativo. SARA o olha com desconfiança.

O quarto está escuro. A atenção de SARA é atraída para a janela. Ela se levanta, olhando pelo vidro.

P.V. DE SARA.

Só há escuridão. O vento carrega uma leve nuvem de terra. Aos poucos a silhueta da ÉGUA se forma no escuro, ao longe.

SARA se empolga, porém sente medo ao ver a ÉGUA lhe encarando. Ela fala baixo, como se para si mesma.

SARA

Quanto tempo ainda temos na vila?

Silêncio. Repentinamente SARA ouve algo que parece vir de sua cabeça. Uma voz feminina, profunda e baixa.

ÉGUA

O fim virá quando a fenda que vocês mesmos estão abrindo surgir.

Uma enorme onda irá se erguer no horizonte e você vai saber que então chegou o momento.

SARA fica paralisada, seu rosto se torna pálido e ela treme ao ouvir a voz. Ela se esforça para conseguir falar.

SARA

Por que me avisa de algo que não posso impedir?

ÉGUA

Porque você sabe onde encontrar água.

SARA fica confusa e indignada.

SARA

Não, eu não sei.

No lago?

Tem mais água ali?

A ÉGUA se mantém imóvel por algum tempo e caminha para longe.

91 INT. OFICINA - TARDE

SARA escova a ÉGUA com atenção. Ela tem olheiras e aparência de cansaço. BORIS entra pela porta carregando armadilhas de animais.

BORIS

Não foi dormir?

SARA

É melhor eu ficar com ela...

BORIS

Ela não vai fugir.

SARA

Não é isso...acho que ela quer dizer algo.

BORIS

Dizer o que?

SARA

Sobre o fim da vila.

BORIS reage com estranheza.

BORIS

Está passando muito tempo com ela, não está te fazendo bem...

Ele vai para a estufa. SARA se senta de frente para a ÉGUA, olhando-a como se implorasse algo, angustiada. O som de BORIS colocando as armadilhas no chão é ouvido. Ele volta para a oficina e arma outra ratoeira próxima a um buraco na parede.

BORIS

Pra que plantar uma flor?

SARA

Flor?

91. INT. ESTUFA. TARDE

Alguns finos e compridos raminhos saem da terra. De suas extremidades se forma uma FLOR de pequenas pétalas. SARA parece um pouco decepcionada.

SARA

Não sabia que planta ia ser...

BORIS

Podia ser alguma erva, grão..., mas parecem aquelas ervas daninhas.

BORIS olha com esquisitice para a planta. BATIDAS NA PORTA da cozinha são ouvidas. SARA rapidamente entra na casa.

92 INT. SALA DA FAZENDA - TARDE

Na sala OMAR e um homem estão sentados ao redor da mesa da cozinha. THEO conversa com eles animadamente. BORIS entra na sala, confuso.

THEO

SARA, por que não faz jantar para cinco hoje?

SARA fuzila THEO com os olhos. Os homens cumprimentam ela e BORIS de longe.

93 INT. OFICINA - TARDE

BORIS está colocando a última armadilha. RISADAS vêm da cozinha. O som de algo CAINDO E QUEBRANDO é ouvido, junto com um GRITO. A ÉGUA anda alguns passos para trás, com medo. BORIS se assusta também e corta a mão na armadilha. Ele se levanta e sai pela porta da sala para ver o que aconteceu.

94 INT. COZINHA - TARDE

SARA e OMAR estão no chão recolhendo cacos de vidro de uma garrafa. Os homens estão bêbados, rindo exageradamente. BORIS vai até a pia lavar a mão que sangra. OMAR se levanta e anda tortamente em direção à oficina.

OMAR

Deixe que eu limpo, SARA.

A vassoura fica nos fundos?

SARA anda rapidamente na frente.

SARA

Eu vou buscar, não se preocupe.

CORTA PARA

É noite. Os cinco estão sentados na mesa, jantando. No prato há comida seca e em pouca quantidade. SARA está em silêncio, parecendo exausta. Seus olhos estão abertos com dificuldade.

95 INT. QUARTO DE SARA - NOITE

SARA dorme na cama. As janelas do quarto lentamente se abrem sozinhas, o vento entra.

96 EXT. SONHO DESERTO - DIA

O deserto é percorrido em grande velocidade. A areia é clara e o céu azul. Ao longe o sol nasce entre as montanhas.

97 EXT. SONHO GÉISER - DIA

Uma cratera redonda no chão. Água transparente borbulha e flui dela.

98 EXT. SONHO ÁGUA - DIA

Seres microscópicos se movem na água.

99 EXT. VARANDA DA FAZENDA - NOITE

THEO e os dois homens estão sentados nas escadas da varanda. Eles estão embriagados. OMAR tem o quadro com insetos de THEO nas mãos.

OMAR

(Olhando os insetos)

Está ficando muito bom...

HOMEM

Ah, mas para mim nada ainda supera o tubarão empalhado da LAURA.

THEO

Mas você tem que considerar a variedade...

Eles riem. THEO se levanta cambaleando.

THEO

Se acham aquele tubarão grande coisa deviam ver o que eu tenho na oficina.

Minha fazenda foi escolhida para receber um milagre!

Os dois riem mais alto.

OMAR

Tire essa garrafa das mãos do THEO.

100 EXT. OFICINA - NOITE

THEO tenta enxergar no escuro onde colocar a CHAVE do portão. OMAR o ajuda.

OMAR e o homem entram e ficam chocados. Omar derruba uma garrafa no chão, o efeito do álcool parecendo acabar por aqueles segundos. Eles ficam imóveis desacreditados.

THEO

Jurem não contar a ninguém.

A ÉGUA está no centro da oficina, amarrada. Ela está assustada pela presença dos três homens em volta dela.

THEO

(Tocando a crina dela)

Incrível, não?

OMAR

(Boquiaberto)

Nunca mais pensei que veria um cavalo nessa vida...

101 EXT. FAZENDA - NOITE

OMAR e THEO observam o homem subir desajeitadamente na ÉGUA. Ela se assusta com o peso e se levanta em duas patas, relinchando. O homem puxa as rédeas para baixo com força, tentando controlá-la. Ele cavalga de um lado para o outro. OMAR entra na frente para zombar e assustá-lo. Ele cavalga em direção ao horizonte. THEO ri, enquanto observa a ÉGUA se afastando. A expressão dele vai tornando-se de preocupação à medida que o som do galope diminui.

Silêncio.

OMAR e ele estão sérios, olhando para o horizonte. OMAR joga a garrafa de vidro vazia longe. O som do galope volta a ser ouvido. Uma expressão de alívio invade THEO.

102 EXT. RUA - DIA

BORIS anda pelas ruas com dois galões vendendo água limpa. À sua frente caminha o ANDARILHO.

Algumas pessoas que passam por ele olham com desconfiança para o ANDARILHO. A vila tem uma atmosfera deprimente. As poucas pessoas que restaram caminham cabisbaixas.

P.V. DE BORIS.

Uma mulher e uma criança vêm andando na direção contrária de BORIS, elas parecem vir do lago. A mulher carrega um GALÃO CHEIO PELA METADE. A menina que a acompanha carrega um GALÃO VAZIO.

BORIS estranha aquilo. Ele continua caminhando. Ouve um ASSOVIO, se vira e uma senhora lhe faz um gesto para que se aproxime.

CORTA PARA

BORIS despeja água por um funil em um balde que a senhora segura. Ela lhe entrega um saco com grãos em troca.

BORIS segue andando pela rua e observa a estrada para o lago. Algumas pessoas fazem fila.

103 EXT. LAGO - DIA

BORIS se aproxima, curioso com a situação. RHIAN passa por BORIS, indo em direção a vila. Ele tem a sobrelha sangrando.

BORIS está espantado à medida que se aproxima do lago. Algumas barreiras de madeira foram construídas. Três homens fardados e com armas estão em volta. HELIO está parado ao fundo. Há alguns metros do lago um grupo de pessoas trabalha em uma máquina, que começa a ganhar altura. LUCAS está entre eles. LUIZ caminha pelas pessoas, observando.

Uma mulher na frente de BORIS se aproxima do lago, ela se abaixa e enche metade do balde que carrega, intimidada. Um senhor tem uma balança improvisada. Ele pesa o balde e joga um pouco da água no lago, entregando-o de volta para a mulher. Ela se vira e volta para a vila.

BORIS receosamente vai até a beirada com o galão. HELIO faz um sinal com a cabeça para o senhor que pesa. BORIS nota isso. Ele enche o galão todo, até a boca. HELIO olha fixamente para BORIS que se levanta e devolve o olhar. O senhor não toca no galão e faz um sinal de confirmação para BORIS de que ele pode ir.

CORTA PARA

104 INT. OFICINA - NOITE

SARA escova a ÉGUA. BORIS entra e checa as armadilhas, nenhum rato foi capturado. Irritado ele as troca de lugar, sentindo dores na mão enfaixada. Se levanta e vai até a estufa. Os sons de hastes caindo e da lona se movendo são ouvidos, indicando que BORIS tenta arrumar a estufa.

SARA

Não se preocupe com os ratos ou a plantação, BORIS. Logo tudo aqui vai acabar.

SARA diz calmamente. BORIS volta à oficina e fala, preocupado.

BORIS

Como sabe disso?

Foi ela que....

SARA

Sim. Quer nos dar outra chance.

BORIS ri e volta a atenção para as armadilhas. BATIDAS DE PORTA são ouvidas da cozinha.

105 INT. COZINHA - NOITE

BORIS abre a porta e fica tenso ao ver HELIO e LUIZ. HELIO o olha intimidado, mas sorrindo. SARA está nos fundos da cozinha, observando.

P.V. DE SARA.

HELIO

BORIS! Como está? Esperava que se juntasse a nós para trabalhar no lago...

BORIS

(mostrando a mão machucada)

Não me sinto muito bem de saúde, assim que melhorar, quem sabe.

SARA parece decepcionada e surpresa ao ouvir BORIS.

HELIO

Nós queríamos falar com o THEO.

BORIS fica desconfiado, mas sai da porta. HELIO E LUIZ entram na cozinha.

106 INT. SALA DA FAZENDA - NOITE

THEO está sentado no sofá, SARA ao lado. As duas visitas os cumprimentam com um aperto de mãos e se sentam no sofá da frente. THEO está acuado. HELIO acende um cigarro e o fuma.

HELIO

THEO, viemos aqui conversar. Ouvimos histórias...
De que teria surgido aqui na sua fazenda um animal.
Um cavalo, na verdade.

HELIO ri um pouco ao falar sua última frase, desacreditado. BORIS está ao longe, na cozinha, observando sem saber o que fazer.

HELIO

Se for verdade, ele seria muito útil para a construção da máquina e também para fazê-la funcionar. Não precisaríamos usar a força de pessoas mais, estão todos tão cansados e se alimentando mal...

THEO

Quanto me pagaria?

Poderia alugar ela, mas vender não.

SARA

THEO!

THEO

Como podem ver minha filha é muito apegada a ela, então depende do valor que oferecerem.

HELIO

Lembrando que ela será usada para garantir que todos tenham água, e isso inclui você, THEO...

SARA

Ela não será usada para nada e não vão conseguir água assim.

Se perfurarem o lago só vão condenar todos dessa vila.

Todos ficam em silêncio.

107 EXT. FAZENDA - NOITE

LUCAS caminha silenciosamente por volta da fazenda. Ele está de frente para os portões da oficina. Segura a CHAVE e destranca o portão. Ele o abre lentamente, tentando não fazer barulho.

108 INT. SALA DA FAZENDA - NOITE

LUIZ

Ah SARA, temos que ter um pouco de fé de que há mais água ali.

SARA

Não. Temos que levar as pessoas em direção ao deserto, há água lá.

HELIO

Quer tirar as pessoas de suas casas e mandá-las para o meio do deserto? Onde não tem nada. De onde tirou isso?

BORIS

Ela acha que a ÉGUA fala com ela.

SARA fica desconfortável. HELIO e LUIZ riem.

HELIO

Quer gerar um caos na vila porque ouve vozes e tem imaginação, SARA?

SARA

Ela me mostrou a destruição que vai acontecer.

E uma nova fonte de água. Só teríamos que descobrir uma forma de falar isso para as pessoas, sem que se assustem.

HELIO, você conseguiria fazer isso...

109 INT. OFICINA - NOITE

P.V. DE ÉGUA

LUCAS deixa o portão meio aberto para iluminar a escura oficina. Ele caminha em direção a ÉGUA com medo e fascinado. Estende a mão lentamente e toca seu pelo. Ela desvia levemente a cabeça para trás, com medo. Os olhos dele ficam úmidos.

Ele caminha de volta ao portão, olhando para ela. Fecha a porta cuidadosamente e sai.

110 INT. SALA DA FAZENDA - NOITE

LUIZ

Eu acredito.

Mas não acho que esse ser esteja tentando nos ajudar. Você está sendo manipulada, SARA.

THEO

Não é alguma força maligna LUIZ, muito pelo contrário. Foi um sinal divino que surgiu na nossa fazenda, um presente. Fomos escolhidos e por isso nós vamos decidir o que fazer com ela.

HELIO

(Tom de ameaça)

Se não temos um acordo, não posso garantir a segurança dela ou de vocês. As pessoas são selvagens, irão tentar roubar, quem sabe até comê-la.

SARA

É melhor irem embora.

111 INT. COZINHA - NOITE

BORIS abre a porta para HELIO e LUIZ. Eles saem olhando BORIS com raiva. A porta é fechada.

112 EXT. FAZENDA - NOITE

HELIO e LUIZ caminham. LUCAS sai de trás da casa e se une a eles.

HELIO

Você viu?

LUCAS

Sim, é verdade, mas muito pequena e magra, HELIO. Não parece ter muita força. Também não lhe restam muitos anos...

HELIO

É o suficiente.

Tomara que eles tomem a decisão correta. Só precisam de um incentivo.

113 INT. COZINHA - NOITE

SARA

(Com raiva)

Por que disse a eles aquilo?

BORIS

Porque ele vai fazer exatamente o que você precisa. Dizer
as pessoas.

SARA

Pensei que não acreditasse.

BORIS

Eu acredito que o HELIO está destruindo esse lugar aos
poucos.

SARA se vira com raiva para THEO.

SARA

Eu disse para não trazer ninguém aqui.

THEO

Quando eu vi já estávamos na oficina...

114 EXT. SONHO - NOITE

Ambiente escuro e vazio. Árvores queimam, seus galhos
sendo consumidos pelo fogo.

115 INT. SALA - NOITE

BORIS está se revirando no sofá, suando. Seus cabelos grudam no rosto e ele os tira com a mão. Levanta e olha pela janela, puxando a cortina. Ele caminha silenciosamente até a cozinha.

116 INT. COZINHA - NOITE

BORIS não acende nenhuma das luzes no caminho, não querendo acordar ninguém. Pega um copo de água e bebe enquanto olha para a outra janela. BORIS procura alguém do lado de fora.

117 INT. SALA - NOITE

Ao voltar para a sala ele vê de relance a silhueta de SARA em frente à porta. Se assusta e se vira novamente para olhar. Não vê nada. A porta está um pouco aberta, com um pequeno vão separando-a da parede. Uma fraca luz e leve névoa saem debaixo da porta. BORIS permanece parado, com medo.

Um rato passa correndo em frente a ele e se força contra uma tábuca da parede que está meio solta. Ele entra. BORIS impulsivamente vai atrás, mas não consegue capturá-lo. Ele examina o buraco decepcionado. Se levanta e se vê de frente para a porta novamente. BORIS se aproxima, parecendo querer abri-la e ver o que está ali. Silêncio. Ele desiste e se vira, indo deitar no sofá. Ele se deita de costas para a porta.

118 INT. MERCEARIA - DIA

SARA está no balcão. A mercearia está vazia, assim como os recipientes de comida atrás dela, na estante.

P.V. DE SARA

Um homem passa na rua, em frente à mercearia. Ele parece olhar discretamente para dentro, pelo vidro.

SARA está tensa, ela abre um armário e arruma pratos e copos. O som da PORTA ABRINDO é ouvido. SARA rapidamente se levanta e olha quem entrou. BORIS passa andando pelo balcão.

BORIS

Eu...trouxe água, Sara. Vou deixar ali na cozinha.

SARA respira aliviada, ela balança a cabeça, consentindo. BORIS retorna e se escora no balcão, olhando para SARA. Ela observa a mão enfaixada dele. A atadura está suja de pus. SARA desenrola e faz uma expressão de angústia.

SARA

Você foi no hospital?

BORIS

Vou, mas disseram que não tem antibióticos lá.

Não sobrou quase nada.

SARA pega um recipiente numa prateleira com álcool dentro. Ela joga um pouco na ferida. BORIS se contorce, enquanto retira uma atadura nova do bolso. SARA o ajuda a enfaixar.

SARA

Eu não acho que o LUCIO tenha ido embora... alguma coisa deve ter acontecido com ele.

BORIS

Por quê?

SARA

Não sei, só impressão. Ele não me parecia alguém que abandonaria as pessoas assim. Mas nunca se sabe.

Ele concorda com a cabeça. O som da PORTA ABRINDO é ouvido. LUIZ e um homem entram, eles caminham até o balcão com uma postura de intimidação. Eles observam SARA e BORIS de cima a baixo e cumprimentam com um aceno de cabeça.

LUIZ

SARA...BORIS...

Uma folha de cacto, por favor.

SARA começa a descascar a folha. Há tensão no ambiente. LUIZ olha para a mão enfaixada de BORIS.

LUIZ

Está melhor da mão, BORIS?

BORIS

Sim, nada sério, foi só um acidente.

LUIZ

É uma pena, acidentes acontecem...

Mas, às vezes eles podem ser um sinal. Deus nos avisa de suas próprias formas. Por exemplo, como quando você se envolve com forças obscuras.

BORIS o olha com desconfiança. SARA está acuada.

LUIZ

(Olhando para SARA)

O diabo, pode aparecer em diversas peles. Como na de um animal. SARA, você diz que essa sua ÉGUA se comunica, faz profecias apocalípticas...Isso é bastante preocupante, não?

Você realmente ouve esse animal falar com você?

SARA permanece imóvel e em silêncio, ela não respira. Os dois homens se aproximam do balcão, olhando com desconfiança para SARA. Ela parece recobrar a consciência e diz com certeza.

SARA

É verdade, ela fala comigo.

Os olhos deles se arregalam.

LUIZ

Está sendo cúmplice do diabo, SARA! Como não consegue ver?

No livro do apocalipse, um dos quatro cavaleiros vem montado em um cavalo negro. Ele traz a fome, a escassez de água e comida.

LAURA surge da cozinha, estranhando a situação. Ela olha para SARA e fica próxima do balcão, ao lado de onde guarda sua arma. Ela observa séria e fixamente os homens.

LAURA

Saiam daqui. Parem de criar problemas.

120 EXT. FAZENDA - DIA

SARA e BORIS caminham carregando os galões de água. Subitamente, eles param ao chegar na fazenda.

Algumas pessoas estão ao redor da casa, paradas. SARA se desespera e anda em direção a elas. THEO conversa tranquilamente com KAREN e ANA nos degraus da varanda. AMANI e RHIAN se aproximam de SARA também. Eles parecem amigáveis e emocionados.

AMANI

Ouvimos sobre o milagre que aconteceu aqui.

ANA

Será que podemos vê-la?

120 INT. OFICINA - DIA

As pessoas estão em meio círculo, a ÉGUA no meio.

Uma criança olha para a ÉGUA boquiaberta. Ela toca seu pelo. AMANI tem os olhos úmidos.

AMANI

É uma resposta para as preces no lago...

KAREN se aproxima de SARA e fala baixo e em tom de brincadeira com ela.

KAREN

Acho que acredito nos seus sonhos, SARA.

SARA

KAREN, se eu te pedir para sair da vila, você viria comigo?

KAREN

Mas para onde?

SARA olha em dúvida, para a ÉGUA.

121 INT. QUARTO DE SARA - NOITE

SARA lentamente abre os olhos. Ela se levanta e vai até a janela, olhando pelo vidro. A ÉGUA está parada ao longe, de frente para a fazenda. O reflexo de SARA no vidro e a imagem da ÉGUA se sobrepõe.

122 EXT. FAZENDA - NOITE

SARA caminha para longe da fazenda. Ela vê RHIAN de vigia na varanda. Ele não a nota. SARA estranha, mas continua seguindo a ÉGUA.

SARA vê próximos a uma árvore LUCAS E OMAR, parados. Eles olham em direção à fazenda. SARA se espanta por estar na frente deles e não a verem.

123 EXT. ÁREA DESCAMPADA - AMANHECER

O horizonte ao amanhecer do sol. O solo tem os tons parecidos aos do céu, quase confundindo-se. A ÉGUA caminha lentamente em direção ao lago, SARA surge logo atrás.

SARA anda ao lado da ÉGUA. O céu no horizonte está escuro e o vento começa a se tornar forte. SARA para ao perceber uma tempestade se formando. A ÉGUA a aguarda. SARA continua olhando para a tempestade, em dúvida.

Ela olha para a ÉGUA e monta no pelo dela.

124 EXT. DESERTO - DIA

O céu é azul claro e algumas nuvens brancas deslizam por ele lentamente. Dunas de areia se estendem até o horizonte. Ali algumas montanhas começam a surgir. A ÉGUA caminha pela areia, SARA a segue logo atrás. Um pouco de vegetação cresce no chão.

CORTA PARA
SARA está sentada em uma pedra, com um graveto na mão. Está entediada e inquieta. A ÉGUA tem a cabeça baixa, ela come algumas plantas. SARA olha ao redor, decepcionada. Ela se levanta, olhando para a ÉGUA, que a ignora. Revoltada, SARA começa a caminhar.

SARA (V.O.)

Gostaria que você não tivesse aparecido.

CORTA PARA
Algo chama a atenção de SARA ao longe. Ela se aproxima de alguns raminhos que nascem do chão e reconhece as mesmas FLORES da semente que KAREN lhe deu. Ela se levanta e olha para trás. A ÉGUA não está ao redor.

CORTA PARA

O sol está se pondo. SARA caminha angustiada. O forte vento empurra ela e suas roupas para trás. Ela olha em volta. O ambiente torna-se cada vez mais escuro. SARA força a vista, procurando algo, seu desespero aumenta.

É noite. Se ouve os sons dos PASSOS de SARA caminhando e do VENTO.

Iluminado pela lua, SARA vê um pequeno bote de madeira à sua frente. Ela se aproxima e se deita dentro dele. O rosto de SARA observa o céu, suas pálpebras estão quase fechando.

SARA (V.O.)

Por que me trouxe aqui?

125 EXT. CÉU - NOITE

O céu escuro estrelado.

CORTA PARA

Uma nebulosa com várias cores.

CORTA PARA

Nuvens deslizam em frente à lua.

126 EXT. DESERTO - NOITE

Um gêiser jorra água para fora. O vapor sobe e dissipa-se no céu.

127 INT. OFICINA - DIA

BORIS acorda, ele está encostado na parede, deitado no chão. Seus cabelos estão bagunçados em cima da testa suada. Ele tem olheiras e os lábios rachados. Resmunga de dor pela mão. Se levanta e olha em volta. Não há ninguém. Caminha e bebe água desesperadamente de um balde que encontra.

128 INT. SALA DA FAZENDA - DIA

BORIS

SARA?

Ele anda pela casa procurando alguém.

BORIS

THEO?

Ele olha para a mão, incomodado. Os olhos úmidos.

129 EXT. RUA - DIA

Sons de BRIGAS E GRITOS ao longe. A rua está deserta. Em meio às casas uma fumaça escura sobe ao céu. Lampejos de pequenas bombas podem ser vistos.

BORIS anda rapidamente, olhando para os lados. Uma mulher passa correndo alguns metros à sua frente, carregando garrafas cheias. Ela desaparece em uma esquina.

130 INT. HOSPITAL - DIA

BORIS empurra cautelosamente a grande porta de ferro de entrada. Ele entra, devagar, andando pela recepção. O local parece ter sido recentemente abandonado. As luzes do teto ainda acesas, oscilam fracamente. As cadeiras e bancos estão desorganizados e alguns caídos no chão. BORIS olha em volta, não há ninguém. Ele se desespera e rapidamente entra pela porta dupla.

131 INT. CONSULTÓRIO - DIA

BORIS abre as prateleiras da parede. Algumas poucas caixas de remédios estão ali. Ele as examina, vendo que a maioria estão vazias. O consultório está revirado. BORIS abre as gavetas da mesa. Ele para, sentindo a presença de alguém atrás dele.

No vão da porta está a ENFERMEIRA, tremendo e com medo. Ela segura uma barra de ferro no alto. BORIS se vira para ela, paralisado. A expressão de desespero dele se torna de pena.

A ENFERMEIRA abaixa relutante a barra, enquanto se afasta. BORIS sai pela porta, devagar. Cada um observando o movimento do outro, em alerta. BORIS se dirige para outra sala.

132 INT. ESTOQUE DO HOSPITAL - DIA

BORIS entra na sala trancando a porta. Uma pequena janela está à sua frente, ele vai até ela e observa o lado de fora. Se volta para as enormes estantes na parede, com algumas poucas caixas de papelão nelas. BORIS pega as do alto e abre uma por uma. Ele lê as embalagens. Pega alguns vidros de remédios e coloca no bolso. Abre um e engole dois comprimidos. BORIS finalmente encontra o que queria,

alguns vidros de um líquido transparente. Com uma seringa ele injeta no braço, guardando o restante dos vidros no bolso da roupa.

133 EXT. LAGO - DIA

Uma garota (a mesma da cena 77) está abaixada na beira do lago. Ela tem a pele queimada e brilhando de suor. Ela rapidamente recolhe água com um recipiente que raspa no fundo da terra. Parece aflita olhando para os lados, com medo e pressa. Ela despeja a água barrenta em um balde.

O ambiente ao redor dela é revelado. Várias pessoas estão na beira e dentro do lago, a água batendo em suas canelas. Algumas recolhem água rapidamente, correndo para longe. Outras brigam entre si e com os guardas que tentam prendê-las. Todos estão em desespero para conseguir o máximo de água possível, movendo-se de forma muito mais lenta em comparação à menina. O vento é forte, balançando as roupas dela. Ela olha para cima, o céu está escuro.

134 EXT. DESERTO - NOITE

Sons de ondulações de água. O rosto de SARA dormindo. Ela se move sutilmente para cima e para baixo, como se o barco estivesse na água.

Dois olhos brilhantes surgem na água escura. Eles observam por um tempo algo ao longe e afundam de volta, espirrando água.

SARA acorda e olha em volta. Escuridão está ao seu redor. Surpresa, ela vai até a borda e pega água com as mãos, provando-a. Percebe que é doce e bebe mais.

SARA rema por muito tempo, cansada, ela desiste e solta os remos. Ela e o barco são muito pequenos em comparação ao céu. O sol nasce lentamente no horizonte, atrás dela.

SARA coloca suas roupas na borda do barco e nada na água. Ela se lava. O local é profundo, SARA não consegue encontrar o chão.

SARA sai do barco e pisa na terra. As montanhas no horizonte estão mais próximas. A vegetação rasteira está mais densa no chão. SARA caminha e passa por um campo das mesmas FLORES de sua semente. Ela se aproxima, observando o vento dispersando os pólenes das flores.

SARA se vira e percebe a ÉGUA ao longe esperando-a, sua rala cauda balançando.

SARA caminha ao lado da ÉGUA. Algo lhe chama a atenção ao longe. Uma árvore solitária. Em sua sombra está deitada uma pessoa. SARA se aproxima, curiosa.

LUCIO está ali, magro e com as roupas sujas. SARA se aproxima e ele se levanta, desacreditado.

SARA

LUCIO? Mas como...

Ele a abraça, mas rapidamente sua atenção se volta para a ÉGUA. Ele anda em volta dela, observando-a. Estende a mão e toca seu pelo.

LUCIO

Impossível... Onde conseguiu um cavalo?

SARA

O que está fazendo aqui?

A animação desaparece do rosto de LUCIO enquanto se afasta de SARA.

LUCIO

O importante é que não estou lá.

Ele se senta e lhe oferece uma fruta. Suas cores e formas são estranhas para SARA. LUCIO parece perturbado e inquieto.

LUCIO

(Tirando a casca da fruta)

Me jogaram aqui. Não tiveram coragem de terminar o serviço.

SARA se senta ao lado dele, em choque. Ela retira do bolso o EMBRULHO DE TECIDO com a semente dentro. LUCIO observa a semente na mão de SARA. Ele a segura, com um leve sorriso, e abre um buraco no chão, enterrando-a.

LUCIO

Logo vamos descobrir que planta ela é. Não precisa de muito esforço para algo crescer aqui...

Ele se vira para SARA, cabisbaixo.

LUCIO

Todos ali são doentes, SARA. Foi esperta em ter fugido.

SARA

Nós temos que tirar as pessoas da vila de lá.

LUCIO

Para quê? Você já está aqui, não precisa voltar até lá.

Provavelmente vão lhe dar um fim se ameaçar a ordem do
HELIO. Igual fizeram comigo.

SARA

E deixar todos morrerem?

LUCIO fica pensativo e angustiado.

SARA

(Se levantando)

Se não quiser vir comigo tudo bem...

LUCIO

Não pode trazê-los aqui. Vão destruir tudo e se matar igual
fizeram na vila, não vale a pena, SARA.

LUCIO se espanta, ele segura no braço de SARA.

LUCIO

Se HELIO descobrir que estou vivo...

LUCIO se desespera. SARA tenta se afastar dele, em direção
à ÉGUA. Ele a puxa de volta. Eles entram em conflito
físico. SARA tira uma faca da bota.

SARA acorda em sua cama. BORIS está sentado em uma cadeira ao lado. SARA se levanta com dor, confusa.

SARA

Como cheguei aqui? Onde está a ÉGUA?

BORIS

Você sumiu por dias..., te encontraram desacordada próxima da vila.

SARA

Onde está a ÉGUA, BORIS?

SARA se levanta e tenta ir até a porta. BORIS entra na frente.

BORIS

Esqueça isso. Vamos embora daqui, SARA. Está um caos lá fora.

Podemos ir para a cidade, eu tenho um pouco de água estocada e dinheiro.

SARA tira uma faca de dentro da bota.

SARA

Saia da frente.

Já imagino o que tenha feito com ela.

ANA e RHIAN entram no quarto, ao ouvir a movimentação. ANA vai para perto de SARA, confusa por ela estar apontando uma faca para BORIS. RHIAN grita para fora do quarto.

RHIAN

Ela acordou!

THEO e KAREN se aproximam do quarto. Todos estão inquietos, olhando para BORIS, surpresos com a situação.

SARA

Tirem ele daqui.

Onde ela está?

BORIS é levado. ANA se vira para SARA com apreensão.

136 EXT. RUA - DIA

SARA, ANA, RHIAN, AMANI, e THEO caminham em silêncio rapidamente. GRITOS são ouvidos ao longe. O céu está escuro e com nuvens. Algumas pessoas passam correndo pela rua.

137 EXT. LAGO - DIA

Uma grande máquina de madeira está na borda do lago. A ÉGUA está amarrada à ela. A força dela e de alguns homens é usada para perfurar o lago, à medida em que puxam uma grande manivela. Ela está cansada, fazendo esforço. Às vezes alguém lhe chicoteia para que continue andando. HELIO está ao lado, com alguns guardas. LUIZ e algumas pessoas tentam furar a barreira, empurrando-os e gritando.

BORIS está sentado encostado em uma árvore. Ele está pálido e suando, parecendo cansado por ter feito esforço físico. Ele vomita algumas vezes para o lado. HELIO se aproxima e se abaixa à sua frente. Ele tem um leve sorriso e um pouco de repulsa.

BORIS

Não lhe devo mais nada agora.

HELIO

Você não parece bem, BORIS. Vou pedir que te deem alguns remédios que ainda tivermos no estoque de casa...

BORIS

Eu vou embora daqui.

HELIO

Justo agora que quase estamos conseguindo água? Não vai ficar para ver o fruto de tanto trabalho? Se não fosse graças a você...

HELIO se vira e vê LUIZ gritando com ele, a alguns metros.

LUIZ

Ela tem que ser eliminada HELIO, olhe ao redor.

Está acontecendo. De que vai adiantar água se todos estiverem mortos?

HELIO

Não estarão mortos se parar de dizer às pessoas que ela é um demônio, LUIZ. Você não vê? É incrível que ela tenha sobrevivido por tanto tempo, temos que usá-la a favor da vila.

HELIO é atingido por uma pedra. Os guardas também são atingidos por outras. Uma confusão se inicia, com algumas pessoas furando a barreira deles e indo em direção à ÉGUA. Tiros são disparados.

SARA, ANA e RHIAN estão próximos da máquina. Eles estão em conflito com algumas pessoas, enquanto SARA tenta soltar a ÉGUA. HELIO se aproxima e golpeia SARA. THEO tenta ajudá-la a se levantar.

SARA

Você vai matá-la e a todos nós!

LUCAS ataca HELIO, que surpreso com a traição, revida. As pessoas que seguiam LUIZ conseguem chegar até o lago e brigam com o grupo de SARA e alguns guardas. A ÉGUA relincha e tenta se soltar. Todos estão sujos de barro e sangue. Alguns caem no lago, atingidos por tiros e pedras.

O som de um TIRO é ouvido, seguido de um RELINCHO. De repente todos param e se viram em direção à ÉGUA. Ela está caída no chão.

138 EXT. RUA - DIA

Manhã ensolarada. Duas pessoas correm em direção à estrada para o lago. Algumas pessoas saem das casas, interessadas na movimentação.

SARA caminha mancando pela rua. Ela tem ferimentos pelo rosto e corpo. Ela vê BORIS, sentado no chão. Ele está pálido, com os lábios secos e suando na testa. Seus braços estão rígidos, com leves espasmos. A atadura em sua mão está suja de pus e sangue. BORIS tem os olhos úmidos enquanto olha para SARA, ela o observa por alguns segundos e segue andando.

139 EXT. LAGO - DIA

O céu está limpo, com algumas nuvens brancas. O lago está cheio, suas águas já não são mais turvas e brilham sob os raios de sol. Algumas poças de água estão ao redor. Pessoas correm até o lago, elas pegam a água com a palma das mãos e a bebem desesperadamente, lavando o rosto. Algumas se banham, esfregando seus corpos e roupas sujas de terra. Crianças brincam e riem na beirada, pulando nas poças próximas. Algumas pessoas se aproximam com baldes, enchendo-os e levando para casa, preocupados em estocar água.

140 EXT. ÁREA DESCAMPADA - DIA

SARA caminha um pouco distante do lago, ela para e o observa.

P.V. DE SARA.

O lago está quase seco. Homens e mulheres esfregam terra e areia pelo corpo. Um senhor despeja um balde com terra em sua cabeça. Um frenesi de pessoas enchendo e disputando galões e baldes cheios de barro, correndo para a vila com eles. Uma criança tem os lábios cobertos de grãos de areia. HELIO está no chão, ao lado da máquina, fascinado com o lago.

Junto de SARA surgem LUCAS, KAREN, THEO, ANA, RHIAN, AMANI e mais algumas poucas pessoas e crianças. Eles carregam sacos com roupas, galões de água e outros pertences. SARA e o grupo se viram e caminham em direção ao deserto.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dia(s) 12 do mês de JULHO do ano de 2019 realizou-se a apresentação pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado A VILA DOS VENTOS: ROTEIRO DE LONGA METRAGEM

apresentado pelo discente ISABELA BORGES GILLES FERRER, do curso CINEMA E AUDIOVISUAL. Os trabalhos foram iniciados às 18 h 10, pelo(a) docente orientador(a) TICIANO PEREIRA MONTEIRO

presidente da banca examinadora, juntamente com o(a) docente ESTER MARCAL FER e o(a) docente KIRA SANTOS PEREIRA.

Observações da Banca Examinadora:

A BANCA PARABENIZA O TRABALHO REALIZADO E DESTACA AS QUALIDADES ENCONTRADAS PARA ESTRUTURA DO ROTEIRO E O CUIDADO NA COMPLEXIDADE NARRATIVA. A BANCA SUGERE UMA REVISÃO DO ROTEIRO NO SENTIDO DE CRIAR UM MELHOR ORDENAMENTO DAS CENAS DA CENA EM RELAÇÃO ÀS DESCRIÇÕES DOS ESPAÇOS CENICOS.

A Banca Examinadora, ao término da apresentação oral e da arguição do acadêmico, encerrou os trabalhos às 20 h 10. Os examinadores atribuíram as seguintes notas:

orientador(a)	nota final: <u>10.0</u>	Média final: <u>10.0</u>
docente	nota final: <u>10.0</u>	
docente	nota final: <u>10.0</u>	

Proclamado o resultado pelo presidente da banca examinadora, encerraram-se os trabalhos e, para constar, eu TICIANO PEREIRA MONTEIRO lavrei a presente Ata que assino juntamente com os demais membros da banca.

Foz do Iguaçu, 12 de JULHO de 2019.

Assinaturas:

Ticiano Pereira Monteiro Esther Marçal Ferrer Kira Santos Pereira

O presente relatório traz uma análise crítica acerca dos processos de desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso ao longo de um ano, desde seu início em agosto de 2018, com a apresentação da escaleta da estória, até o atual momento, trazendo desenvolvido um roteiro de longa-metragem.

Quando iniciei a escrita do argumento de A Vila dos Ventos a ideia para a estória a princípio poderia ser resumida em uma frase, “Uma mulher que ouve uma égua profetizar o fim do mundo”. Uma Terra distópica parecia ser um ambiente propício para o aparecimento dessa Égua, onde as pessoas viveriam em constante falta de recursos naturais, graças à extrema exploração da Terra pelo homem.

A busca por referências em obras fílmicas e na literatura foi de extrema importância para o início da concepção do universo da estória, da vila e de seus personagens. Como no ambiente caótico e de escassez de Terra Sonâmbula (Mia Couto, 1992). Na personagem de Letty em Vento e Areia (Victor Sjöström, 1928), em um local desértico cercado pelos angustiantes sons de ventos, que foi referência para a personagem de Sara neste roteiro. E nas obras do pintor William Turner, que capturavam a atmosfera das paisagens pintadas, resultando em obras muitas vezes turbulentas e abstratas de desertos, mares e vultos humanos.

O primeiro argumento realizado possuía muitas diferenças para o roteiro apresentado, a princípio o protagonista era Boris, que junto com a Égua, salvava Sara no final da estória. Aos poucos Sara foi se tornando a protagonista e outras personagens femininas foram sendo criadas para se relacionarem com ela além da Égua, ajudando-se e sobrevivendo neste ambiente da vila. Como Karen, que desempenhava um papel de amiga e anciã, trazendo um retorno à sabedoria da terra e das plantas; e Laura, ainda que ela tivesse um posicionamento autoritário perante Sara, existia uma empatia entre as duas, principalmente em situações de opressão por parte de homens no ambiente da mercearia.

Uma das dificuldades encontradas durante o processo de escrita foi a de desenvolver a personagem da Égua, com cenas que buscassem criar uma atmosfera de mistério e misticismo para ela quando se comunicava com Sara e fazia suas profecias. Diferentes formas foram pensadas para que essas mensagens acontecessem, desde imagens de

destruição e do deserto; sons que Sara ouviria; objetos que se moveriam ou trariam algum sinal; e até a própria fala da Égua com Sara telepaticamente.

Inicialmente a personagem da Égua alertaria sobre o fim do mundo e sobre uma fonte de água na vila. Aos poucos as profecias tomaram uma extensão um pouco menor, mas não menos interessante, em que o fim seria o da vila, e a existência da fonte de água estaria no deserto. Um ambiente visto pelos habitantes como um local onde nenhum ser conseguiria sobreviver, um local onde só existiria o “nada” e é exatamente de onde surge a Égua no início da estória. Escolhi então focar na destruição da vila causado pelas próprias pessoas que ali vivem, desenvolvendo as relações entre elas e o ambiente nessa situação de desespero e medo.

Visualizar esses diferentes locais em que se passa a estória foi desafiador, ao desenvolver cenas em que os personagens se deslocavam pelos vários ambientes, buscando respeitar a lógica do espaço criado. Para isso foi necessário desenhar um mapa, que está em anexo no trabalho, com as localizações de diversos pontos importantes como o deserto, o lago, a vila e o campo de geradores eólicos.

Na primeira escaleta do trabalho, a estória apresentava chuvas ácidas que aconteciam ocasionalmente no ambiente, causadas pela intensa poluição no ar. No entanto, este elemento foi retirado, para justificar a dificuldade de se encontrar água no universo e a crença dos habitantes da vila de que a completa ausência de chuva seria uma forma de punição divina.

Busquei então outras opções de tempestades ou desastres que poderiam acontecer na estória. O documentário *Tempestade Negra* (Amy Bucher, 2008) contribuiu como fonte de pesquisa para as tempestades de areia que seriam exploradas no roteiro. Neste filme é abordada uma situação que aconteceu na década de 30 nos EUA, onde fortes tempestades de terra e areia surgiram devido a um intenso processo de agricultura, que com o passar dos anos tornaram a terra seca e infértil, transformando extensos campos de plantação em desertos. Isso causou mudanças climáticas, resultando em fortes ventos que levantavam a terra, formando enormes tempestades. A mesma situação que aconteceu com a vila, produzindo extensas áreas descampadas ao seu redor.

Conforme o roteiro se desenvolvia, o universo criado ganhou novas características e regras. Algumas antigas cenas da escaleta de 2018 foram alteradas e eliminadas, conforme ideias, personagens e cenas surgiam e eram inseridas na estória, que tomava novos rumos. As ações dos personagens mudavam, alguns passaram a ocupar outras posições e ter diferentes objetivos. Como exemplo, o personagem de Helio, que desempenhava ao mesmo tempo o papel de coronel e de líder religioso na vila. Senti a necessidade de separar essas características e resultou na criação do personagem de Luiz, uma figura religiosa que acompanha Helio. Esses dois personagens se beneficiavam um do outro para manter o controle na vila, mas com a chegada da Égua, seus interesses entraram em conflito, já que um teria o valor da fé e o outro do ceticismo e descrença.

Subtramas foram sendo criadas com os habitantes da vila, como a de Lucio, Boris e Helio. Devido a isso, uma das dificuldades que encontrei foi perceber que estava colocando muito foco em personagens secundários e sub tramas, que me tomavam muito tempo e distanciavam-me da trama central de Sara e a Égua.

Alguns temas que estavam sendo abordados nos argumentos anteriores também acabaram não sendo muito aprofundados no roteiro ou foram descartados. Como exemplos, o capitalismo em declínio tentando se manter ao criar novos produtos para tornar a água potável de forma mais rápida; as formas de plantio e o tratamento da terra, que tentava reverter os danos causados pelo uso intenso de fertilizantes sintéticos; e as alterações genéticas em sementes e plantas. Alguns desses temas exigiam um maior tempo e pesquisa para serem desenvolvidos na estória, porém ainda espero poder trabalhá-los novamente no roteiro em futuros tratamentos.

Percebi que o desenvolvimento do roteiro consiste em um processo de muita escrita e reescrita, a estória e seus personagens vão se modificando pouco a pouco. Foi satisfatório ver como o roteiro foi tomando forma e seus personagens ficando mais complexos e reais, parecendo que eles mesmo escolham como agir e que rumos seguir, abrindo espaço até para outras histórias no universo. Espero seguir desenvolvendo esse projeto, conforme as sugestões da banca, e a cada tratamento me aproximar de uma forma finalizada do longa-metragem de A Vila dos Ventos.